

fisionomias do tempo corrente

maisa sobelman



FISIONOMIAS DO TEMPO CORRENTE

Maisa Sobelman

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Dra. Edith Derdyk, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu “Caminhada como Método para a Arte e a Educação”

RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso de pós-graduação "Caminhadas como método para a Arte e a Educação" é um relato pessoal que narra o desvelamento de um fazer poético tecido com um fazer geográfico. Partindo de métodos intuitivos, as experiências poéticas e geográficas são narradas como impulsionadoras do reconhecimento do momento da alvorada como espaço-tempo criativo de entrelaçamento com a Terra. A geograficidade como campo de estudo da geografia humanística, é apresentada neste relato como uma descoberta realizada no final da caminhada. O trabalho "*fisionomias do tempo corrente*" narra a caminhada de uma aprendizagem, que é uma e mais tantas.

PALAVRAS-CHAVE: experiência geográfica. lugar. caderno de processo. fotografia.

ABSTRACT

This post completion report on "Walks as a method for Art and Education" is a personal report that narrates the unveiling of a poetic practice connected with a geographical practice. Using intuitive methods, poetic and geographical experiences are narrated as drivers of the recognition of dawn as a creative space-time and intertwined with the Earth. Geography as a field of study for humanist geography is presented in this report as a discovery made at the end of the journey. The work, "*physiognomies of the current time*" narrates the journey of learning, which is one and more.

KEYWORDS: geographical experience. place. process notebook. photography.

AGRADECIMENTOS

Quero deixar registrado o meu agradecimento às pessoas que ajudaram na construção deste trabalho.

Agradeço, inicialmente, à Tamara Andrade e à Verônica Veloso, duas artistas que participaram do programa do curso e que, em momentos distintos, realizaram leituras atentas, acolhedoras e encorajadoras dos materiais a elas apresentados.

Agradeço, não apenas uma vez, as leituras realizadas pela Gabriela Leirias que, com as suas pinceladas generosas, sensíveis e brincantes, convida ao deslocamento fluído entre os campos do conhecimento e as poéticas que nos atravessam.

Agradeço, com carinho, à Sara Melo pela oportunidade do reencontro, pelas contribuições na leitura final do trabalho e pelas lindas referências literárias que ofereceu a mim, e aos participantes, na ocasião da banca de apresentação deste trabalho.

Agradeço de forma especial a orientação da artista, educadora e companheira Gabriela Sacchetto que, além de acompanhar e auxiliar a construção e a revisão final deste trabalho, me lembrou, pelo compartilhamento do seu olhar e do seu próprio saber-fazer, que os processos formativos são mais férteis quando o educador-orientador corporifica as suas palavras pelo exemplo - que é um dos princípios da pedagogia freireana.

E agradeço à Edith Derdik pelas leituras pontuais e pelas fricções que ataçaram a voz e a escuta da minha *libido geográfica*.

aos meus olhos

a geografia
é
poesia:

o tempo escreve

versos no espaço

Fachadas antigas e pouco conservadas. Azulejo pixador, vidros coloridos quebrados, plantas que desportam dispostas ao céu em solo que não ficam.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	7
PRIMEIRA PARTE	
da caminhada intuitiva pela geografia vivida à descoberta da geograficidade.....	8
SEGUNDA PARTE	
cadernos de processo: elo fundamental com o curso	13
TERCEIRA PARTE	
portfólio das criações poéticas	76
DIÁLOGOS FINAIS	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122

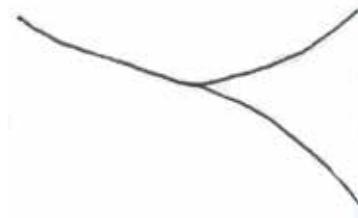
Este trabalho de fechamento do curso de pós-graduação “Caminhadas como método para a Arte e a Educação” está dividido em três partes.

Na primeira parte, trago o relato de uma descoberta realizada no processo final de escrita deste trabalho: a *geograficidade*, um conceito geográfico que, aos meus olhos, deu sentido aos processos intuitivos que atravessaram a minha caminhada na pós. A noção de *geograficidade*, que remete ao elo fundamental da relação sujeito-Terra-Mundo, aproxima a Geografia como ciência da geografia vivida cotidianamente. Desta descoberta, a ideia de *elo* emergiu como um *menir* e me levou a estruturar este relato a partir dos dois principais elos que alicerçam a minha caminhada: os cadernos de processo e o alvorecer.

Na segunda parte, falo dos cadernos de processo, concebidos no início da caminhada como pilares. Na prática eles foram ateliês móveis e bons companheiros de viagem. No decorrer das imersões, estes cadernos se tornaram o elo fundamental e afetivo do meu percurso. Os mergulhos nos cadernos, principalmente entre as imersões, fertilizaram o terreno criativo e seguem oferecendo sementes para o cultivo poético.

Na terceira parte, apresento um portfólio de fotos e vídeo. A maior parte do material apresentado partiu de exercícios realizados no alvorecer. A prática recorrente de observar e registrar, com fotos e vídeos, as fisionomias do tempo corrente da luz da manhã, se revelou um elo fundamental da minha relação com a natureza e com a Terra.

Os grafismos presentes em algumas páginas foram construídos a partir dos desenhos produzidos nos cadernos de processo.



PRIMEIRA PARTE

da caminhada intuitiva pela geografia vivida à
descoberta da geograficidade.

O processo vivenciado no curso está mergulhado no *néctar da Geografia*¹ e ganhou novos contornos com a descoberta, durante a escrita deste relato, da *geografia como ato*.

Quero começar o meu relato pelo início da caminhada, que tem como marco zero o movimento de sair da Geografia para ampliar os conhecimentos sobre ela, em um terreno novo e desabitual, que é o das Artes. Logo no início, a racionalidade geográfica que tinha na bagagem contornou estudos centrados nas categorias geográficas e na linguagem cartográfica. Mas, no decorrer das caminhadas, a experimentação de diferentes linguagens artísticas foi despertando minha percepção e abrindo caminho para outros campos do conhecimento. Em seguida, trago parte das experimentações realizadas nos cadernos de processo. Os exercícios de registrar nos cadernos o que ficou das caminhadas, permitiu o reconhecimento de enunciados e atravessamentos recorrentes, os quais acabaram por deslocar o meu interesse para os conhecimentos geográficos que passei a construir nas experiências de viver, cotidianamente e pela própria existência, a relação sociedade-natureza.

Por ora, quero estabelecer alguns contornos teórico-conceituais da noção da *geografia como ato*², que aparece como uma descoberta neste relato, mas que, desde os anos 1970, vem sendo construída no interior da chamada *Geografia Humanística*, que se apoia na fenomenologia. Segundo o geógrafo Eduardo Marandola JR., a geografia vivida é construída por

“geógrafos que buscam compreender a geografia com “g” minúsculo, ou seja, a geografia como fenômeno da experiência, como expressão do próprio mundo-da-vida (o Lebenswelt husserliano). Estas preocupações de trazer a geografia para a Geografia com “G” maiúsculo (disciplina acadêmica), permeia o trabalho de tais pesquisadoras, resultando em uma outra maneira de compreender a questão ambiental, ancorada em outra compreensão

1 Expressão comumente utilizada pela geógrafa Livia de Oliveira, professora emérita do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (IGCE/UNESP), campus de Rio Claro.

2 Este relato não é um trabalho teórico, mas, a descoberta da *geografia como ato*, exige contornos que respeitem uma tradição.

de ciência da própria relação natureza-sociedade. Trata-se, para alguns de uma ciência existencial, à maneira de Heideger (2009), dando centralidade ao sentido próprio do habitar a terra e seu sentido poético (GRATÃO, 2008; 2009; BERNAL, 2015; DE PAULA, 2010; 2016).

(...) Estes autores, de uma forma ou de outra, estão se referindo à geografia vivida, ou experiencial: à geografia como fenômeno da vida. Esta geografia, que estou chamando aqui com “g” minúsculo, é o reconhecimento de que para além da ciência, há conhecimento geográfico espalhado pelo mundo, no nosso cotidiano, no dia-a-dia. Mais do que isso, que este conhecimento não apenas é válido como necessário à ciência geográfica, mas é fundamental para compreendermos de forma mais plena os fenômenos e nossa relação com o ambiente”. (MARRANDOLA, 2017, p. 3)

É importante pontuar que, na perspectiva da *geografia vivida em ato*, a relação natureza-sociedade, objeto central da Geografia, tem sua centralidade deslocada para a relação sujeito-natureza, que tem a sua expressão máxima no vínculo de cumplicidade fundamental do sujeito com a Terra, ou das “*várias maneiras pelas quais as pessoas sentem e conhecem os ambientes*”. (SILVA, 2007, p.44) A experiência é a *escala de compreensão dos fenômenos*, ou seja, a medida da consciência das coisas pelo sujeito, e o lugar é o espaço da experiência.

"O lugar é o ponto de partida para todo o horizonte, assim como para toda compreensão e todo tempo, sendo por isso, segundo Levinas (1998), o 'aqui' da consciência. Ou nos termos da geografia dardeliana, á a partir do lugar, entendido como base da nossa existência terrestre e de nossa condição humana, que o homem manifesta uma geografia em ato. O lugar é fundamento da inquietude geográfica por desvendar o mundo, pois ele é 'um aqui de onde se descobre o mundo, um lá para onde iremos' (DARDEL, 2011, p. 41)". (LIMA, 2018, p. 156)

O entrelaçamento sujeito-natureza se manifesta como essência da *geografia como relação*, que o geógrafo francês, Éric Dardel, denominou *geograficidade*.

“Para Dardel, a geograficidade é a própria maneira como se desenvolve o destino do [sujeito]: ligado inexoravelmente à Terra. Tudo é consequência desta relação ou da forma como esta relação se opera, afinal, somos seres terrestres. A maneira como o [sujeito] vive e convive em seu mundo circundante, para Dardel, é o fundamento da experiência, que é geográfica indelevelmente”. (MARANDOLA, 2017, p. 6)

As experiências no espaço vivido são chamadas, pelos geógrafos humanistas, de experiências geográficas.

“Habitar nossa casa, deslocar-se pela cidade, viajar, apreciar uma paisagem, comprar um produto, trabalhar, estudar, casar-se, ter filhos, tudo aquilo que fazemos cotidianamente, nesta perspectiva, tem significado geográfico. Mais do que isso, estas ações cotidianas revelam os sentidos destas geografias, pois são experiências geográficas, ou seja, experiências geograficamente significadas e contextualizadas”. (MARANDOLA, 2017, p. 5)

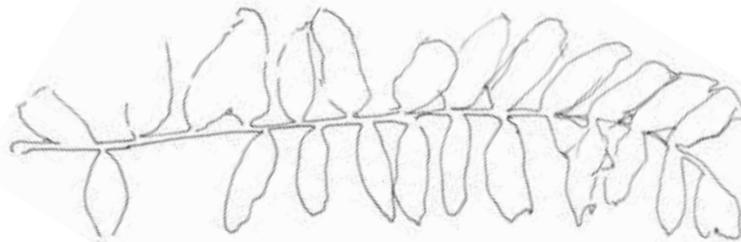
Viver é por essência uma experiência geográfica. Habitar a Terra é um ato geográfico pela própria existência. Por este motivo, é importante aproximar a geografia das experiências do *ser-no-mundo*. A *geografia como ato* se realiza nas experiências geográficas que nos permitem conhecer mais sobre a Terra, sobre o Mundo e sobre nós.

"A geograficidade de cada um ou de cada comunidade é, normalmente, bastante discreta, mais vivida do que expressa. Porém, pode ser percebida facilmente com ‘encontros poderosos e semiconscientes com ambientes’, ou simplesmente por experiências que ‘estão fora do ordinário para despertar a consciência geográfica’ (RELPH, 1979, p.19)” (SILVA, 2007, p. 46.)

Apresento na terceira parte deste relato, o enunciado recorrente de *pescar efemeridades*, que despertou meu interesse em *capturar as fisionomias do tempo corrente*. Estas práticas, que se tornaram cada vez mais frequentes, trouxeram, para o meu cotidiano, a percepção do tempo de rotação da Terra e se tornaram elos que fui construindo intuitivamente, com um fazer geográfico percebido como uma espécie de geografia da existência. Inicialmente, pensei que não encontraria interlocução na Geografia. Mas, ao descobrir o conceito de *geograficidade* e toda uma tradição de geógrafos humanísticos que dialogam com diversos campos do conhecimento, ressignifiquei minha caminhada na pós, e pude enxergá-la como pesquisa geográfica e como expressão poética da *geograficidade* que se manifesta, principalmente, no meu encontro cotidiano com a alvorada.

As experiências geográficas de despertar antes do sol nascer e registrar o que os meus sentidos captam, deixaram de ser vistas apenas como método de criação poética. Passei a entendê-las como manifestação da minha experiência de estar no mundo e de me entrelaçar com a Terra.

No decorrer deste relato, a geograficidade não está mais presente como conhecimento teórico-conceitual, mas como expressão, por meio da exposição de uma seleção de registros presentes nos cadernos de processo e do portfólio de fotos e vídeos das *fisionomias do tempo corrente*, que são expressões das experiências geopoéticas cotidianas significativas.



SEGUNDA PARTE

cadernos de processo: elo fundamental com o curso

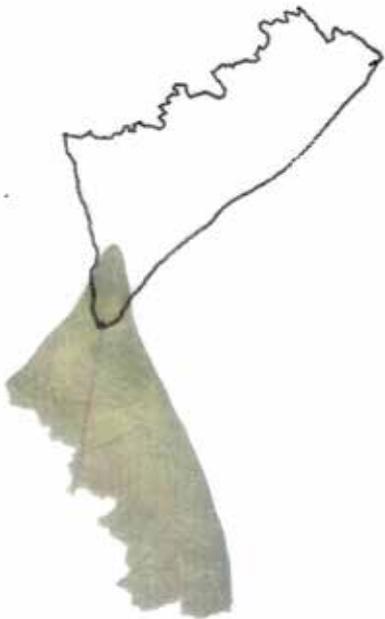
CADERNOS DE PROCESSO

Antes de iniciar ao curso, confeccionei os cadernos para o registro das imersões, estudos e produções. A ideia partiu da vontade de trabalhar com combinações diversas de papéis: vegetal, canson, milimetrado, colorido, entre outros. A intenção, desde o início, era acolher registros em camadas, passíveis de sobreposição, decupagem e entrelaçamento.

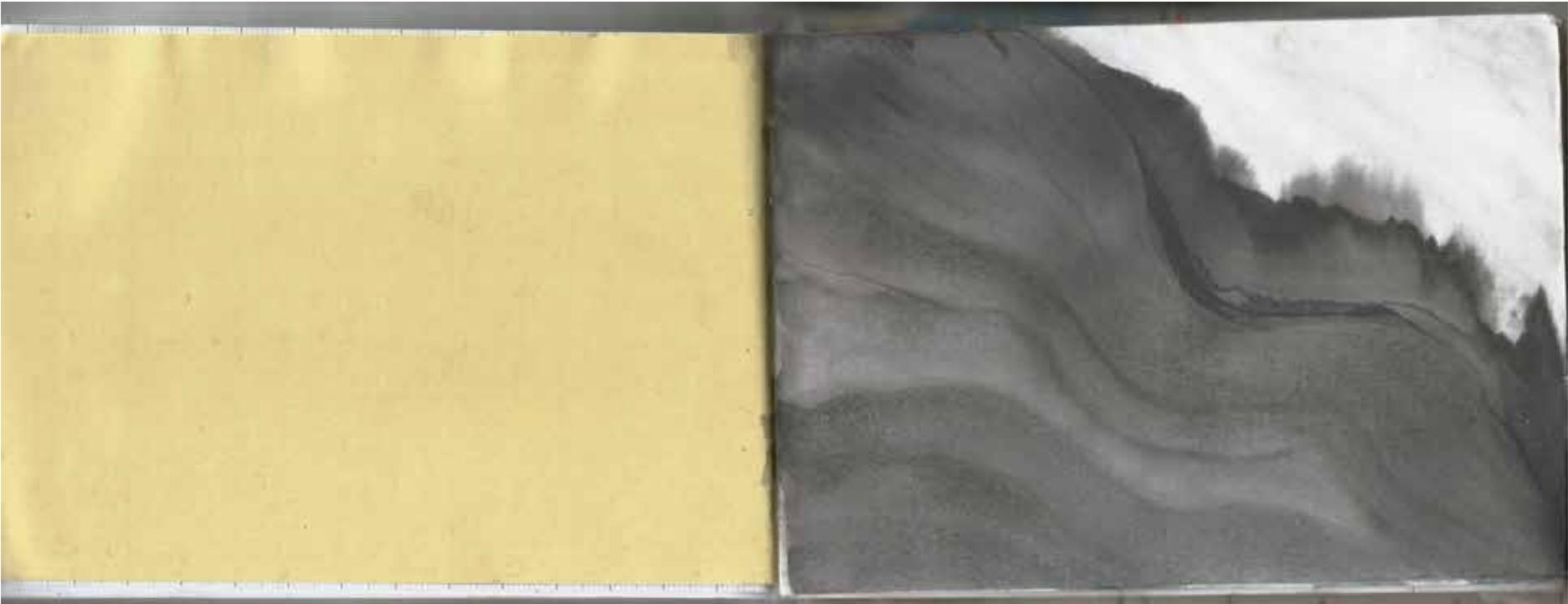
Concebidos como pilares, os cadernos, *hechos a mano*, ganharam corpo com as experiências de registrar o que ficou e o que derivou das caminhadas. A construção dos cadernos favoreceu o estabelecimento de elos fundamentais com a pós. Os dois cadernos que confeccionei, além de um terceiro que senti a necessidade de comprar, foram ativadores do vínculo com o curso, convites abertos aos registros das experiências e das produções disparadas pelas imersões.

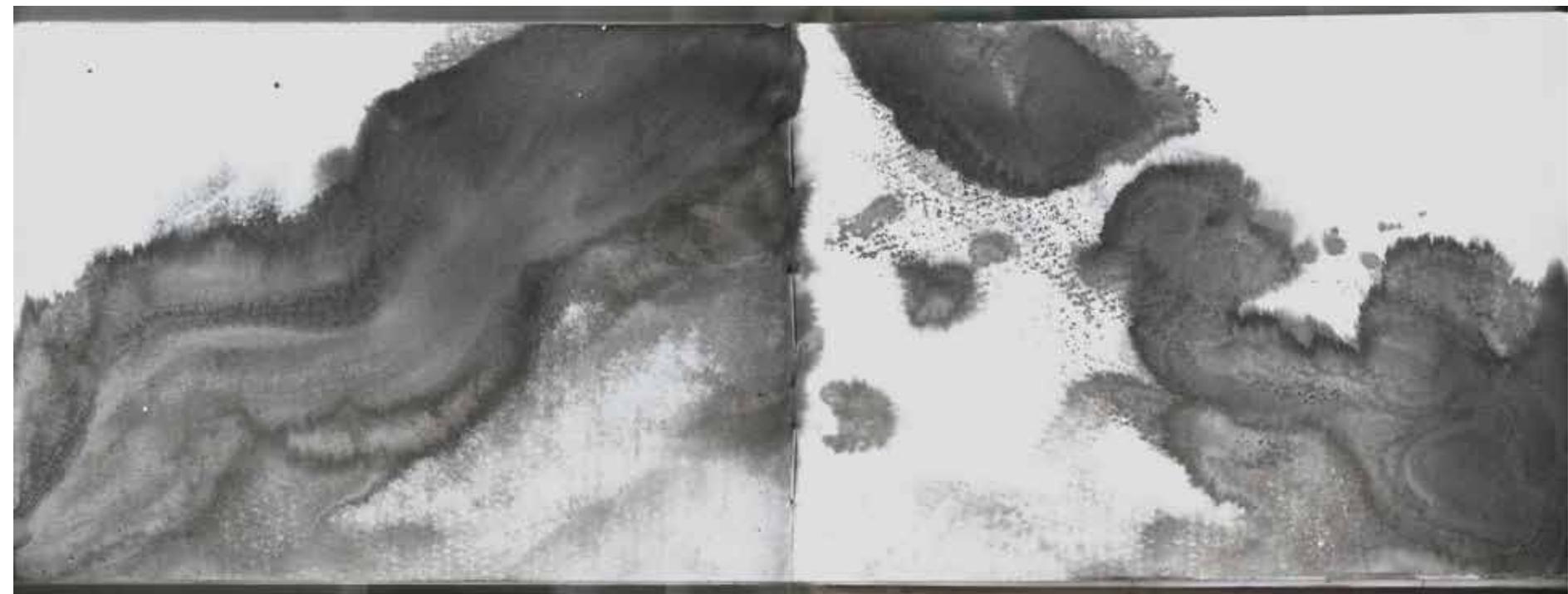
Os elos imateriais e subjetivos que criei com os cadernos, sustentaram a minha caminhada. Eles se tornam uma espécie de ateliê itinerante ou a representação de um espaço-tempo de acolhimento das minhas criações poéticas. De forma objetiva, estes cadernos materializam as memórias de diferentes caminhadas e favorecem o reconhecimento das recorrências que sustentam as criações poéticas da terceira parte deste relato.

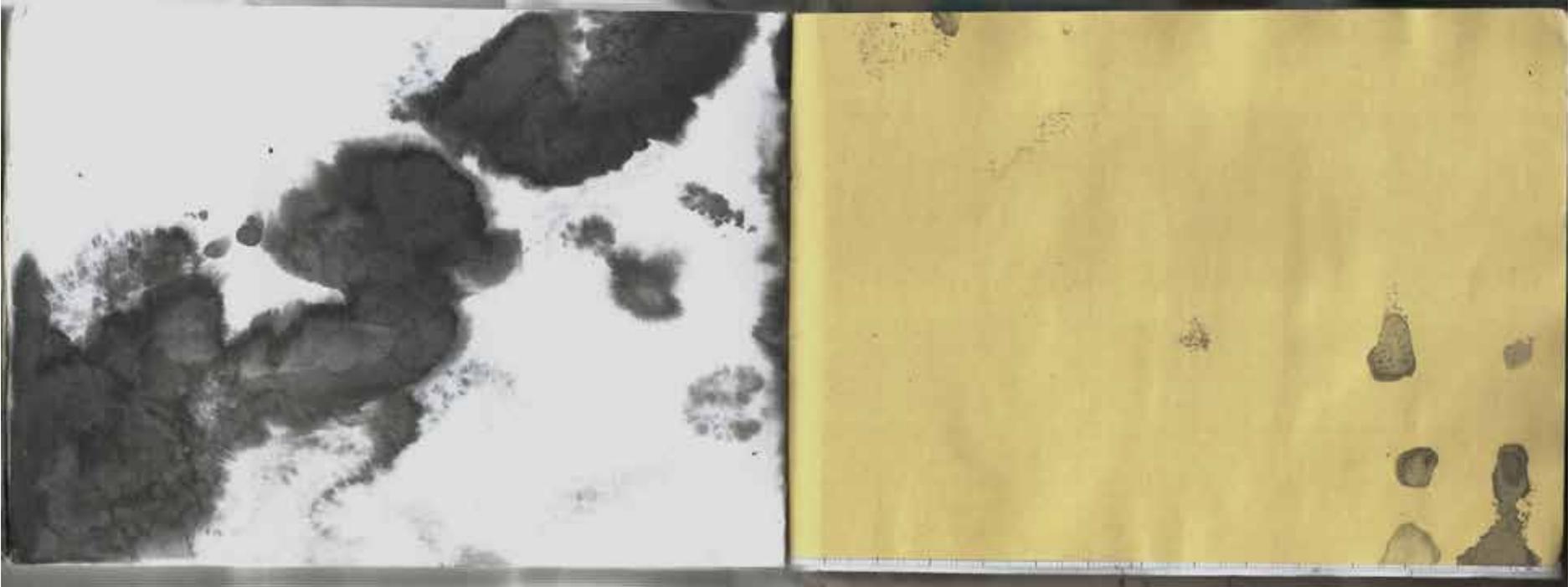
Trago, nesta parte do relato, uma seleção de registros destes cadernos. Esta seleção revela parte importante dos processos de experimentação que me levou a perceber as recorrências que atravessam as minhas criações poéticas. Os registros produzidos durante as imersões estão indicados pela presença de uma legenda.

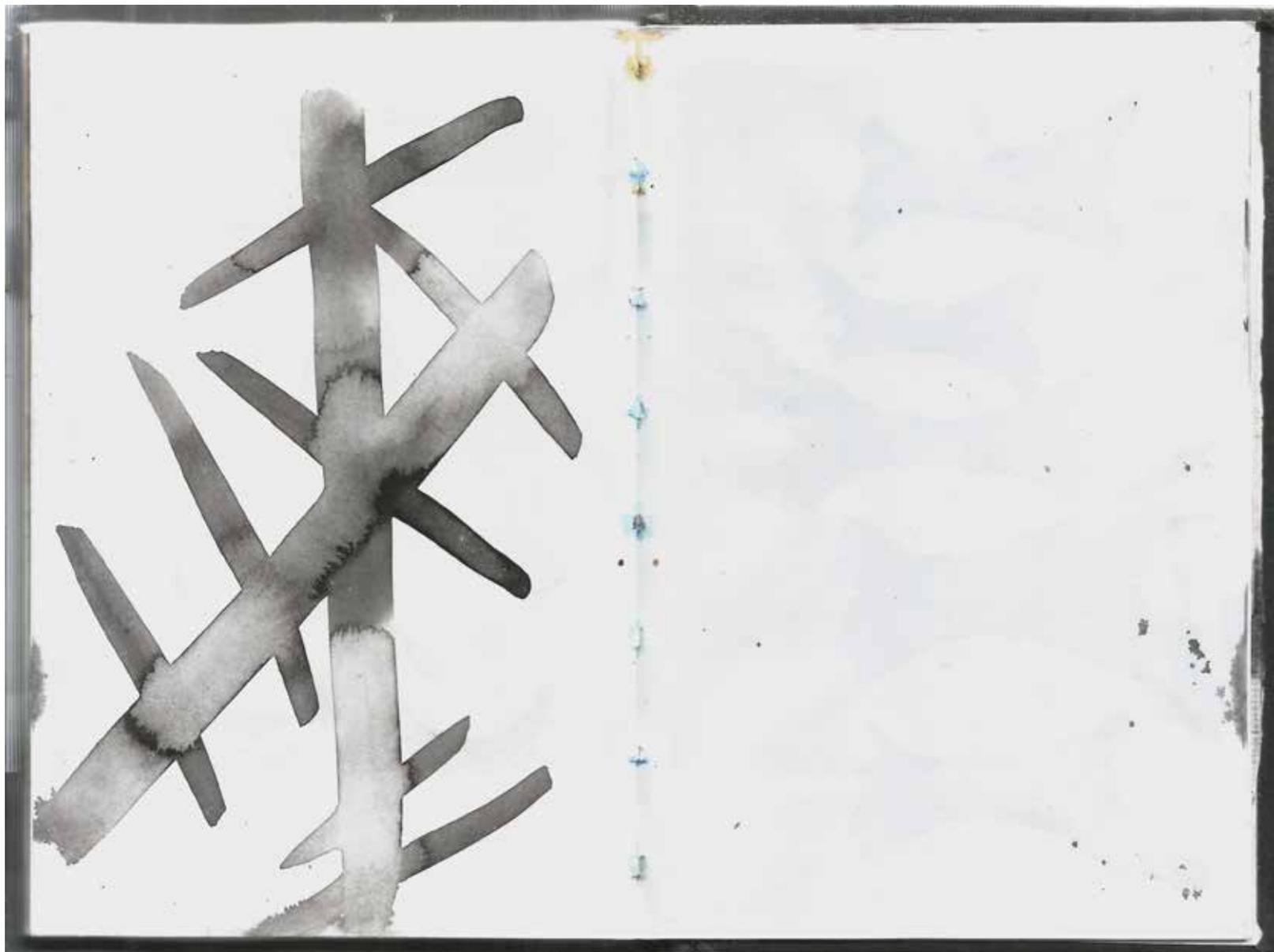


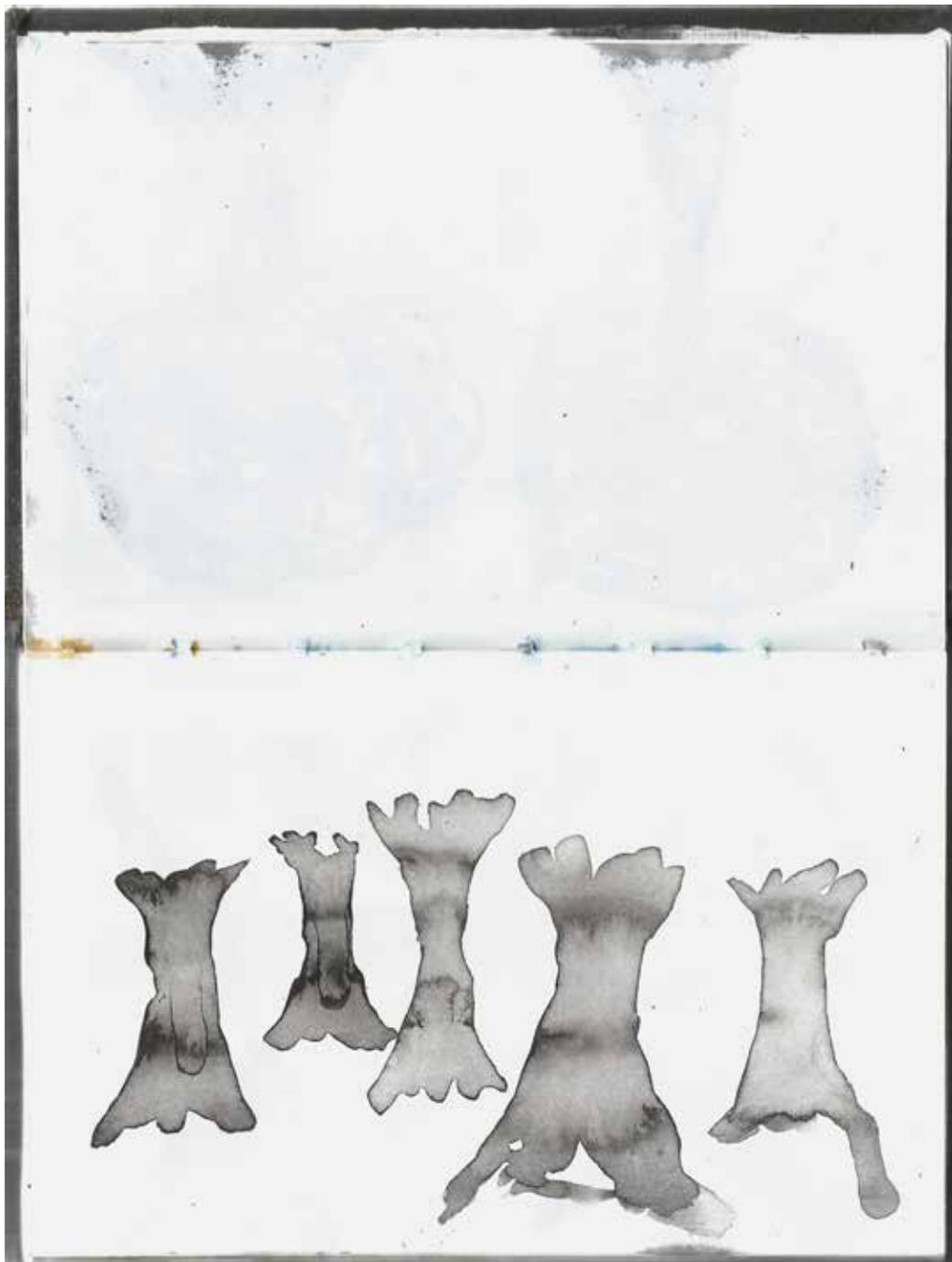
CADERNOS DE PROCESSO
experimentação com água e nanquim







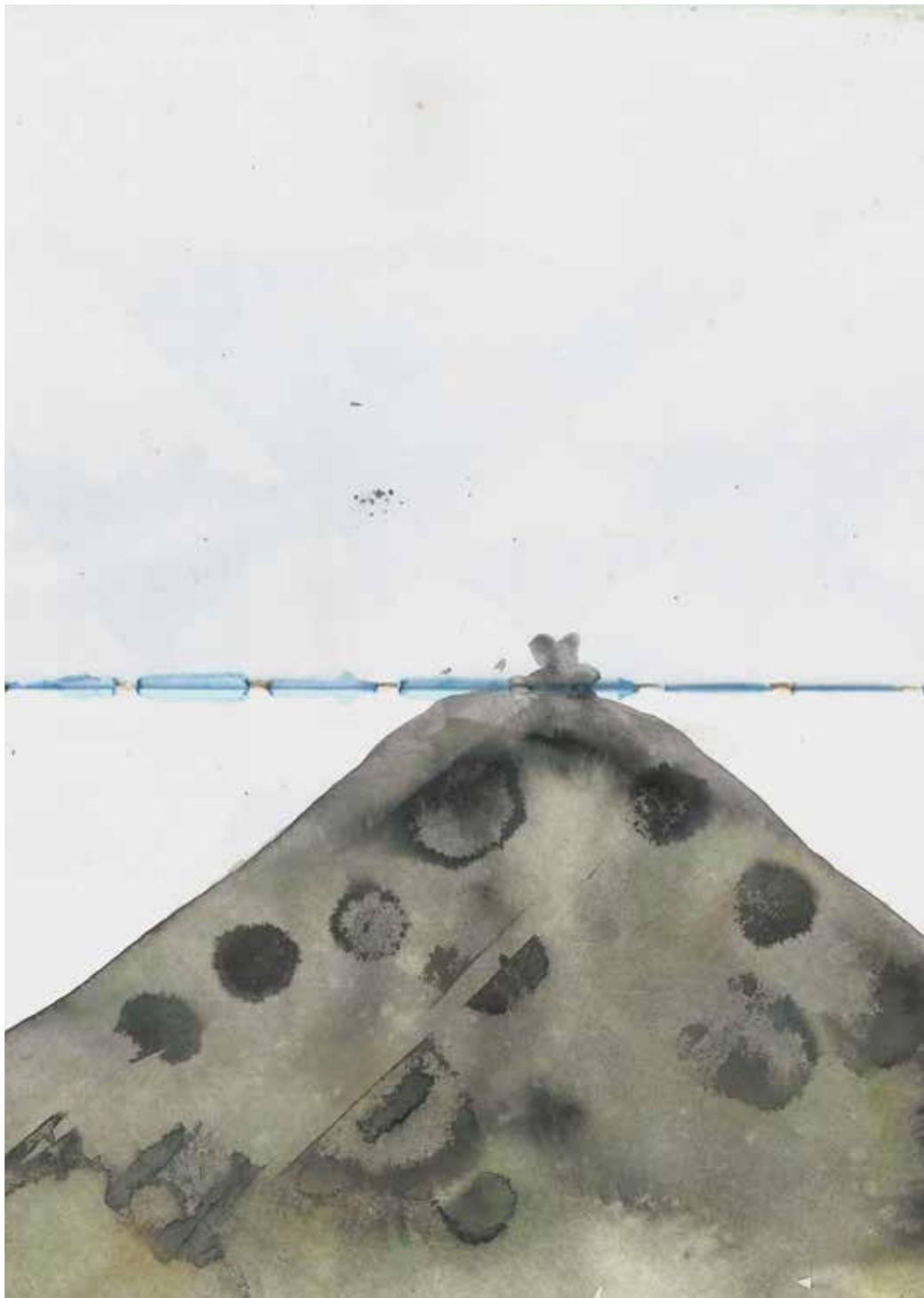


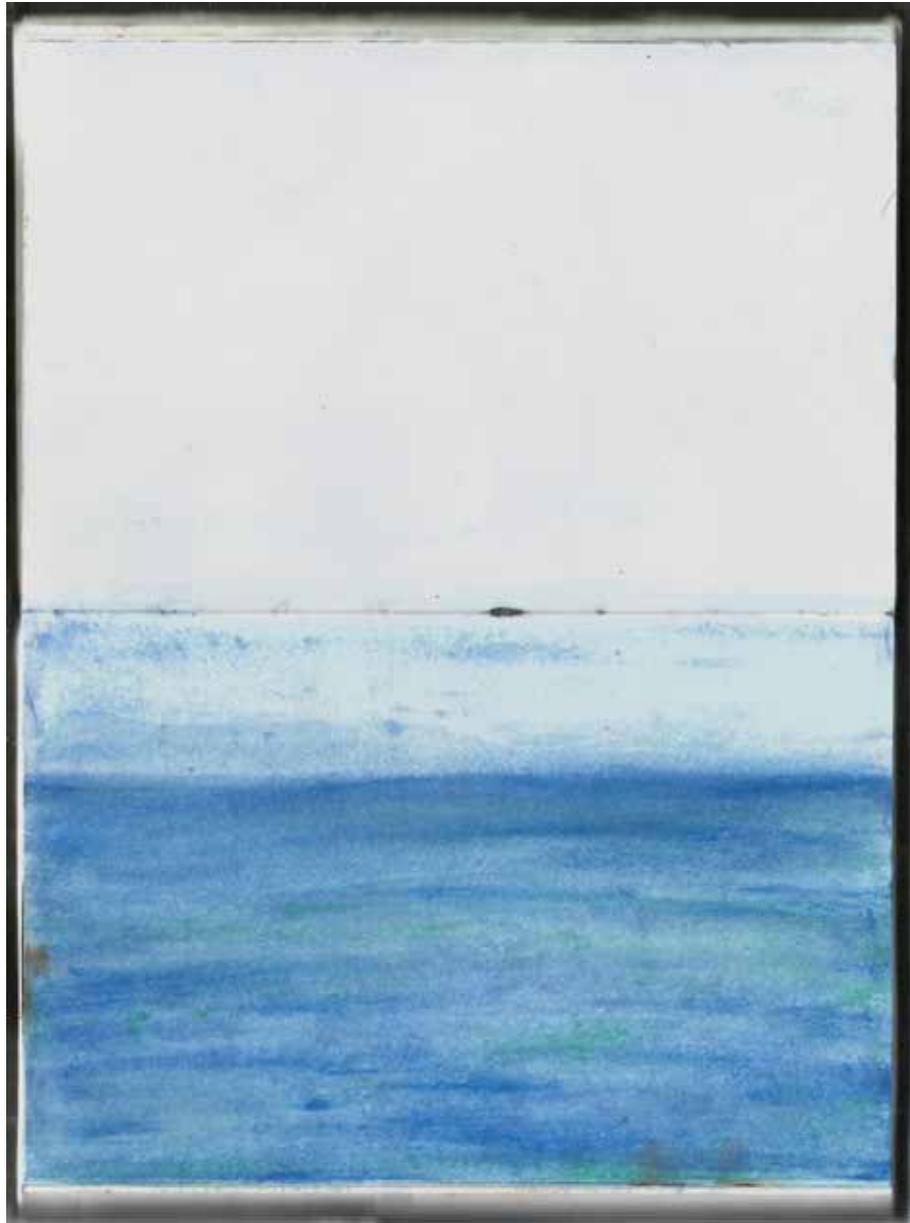
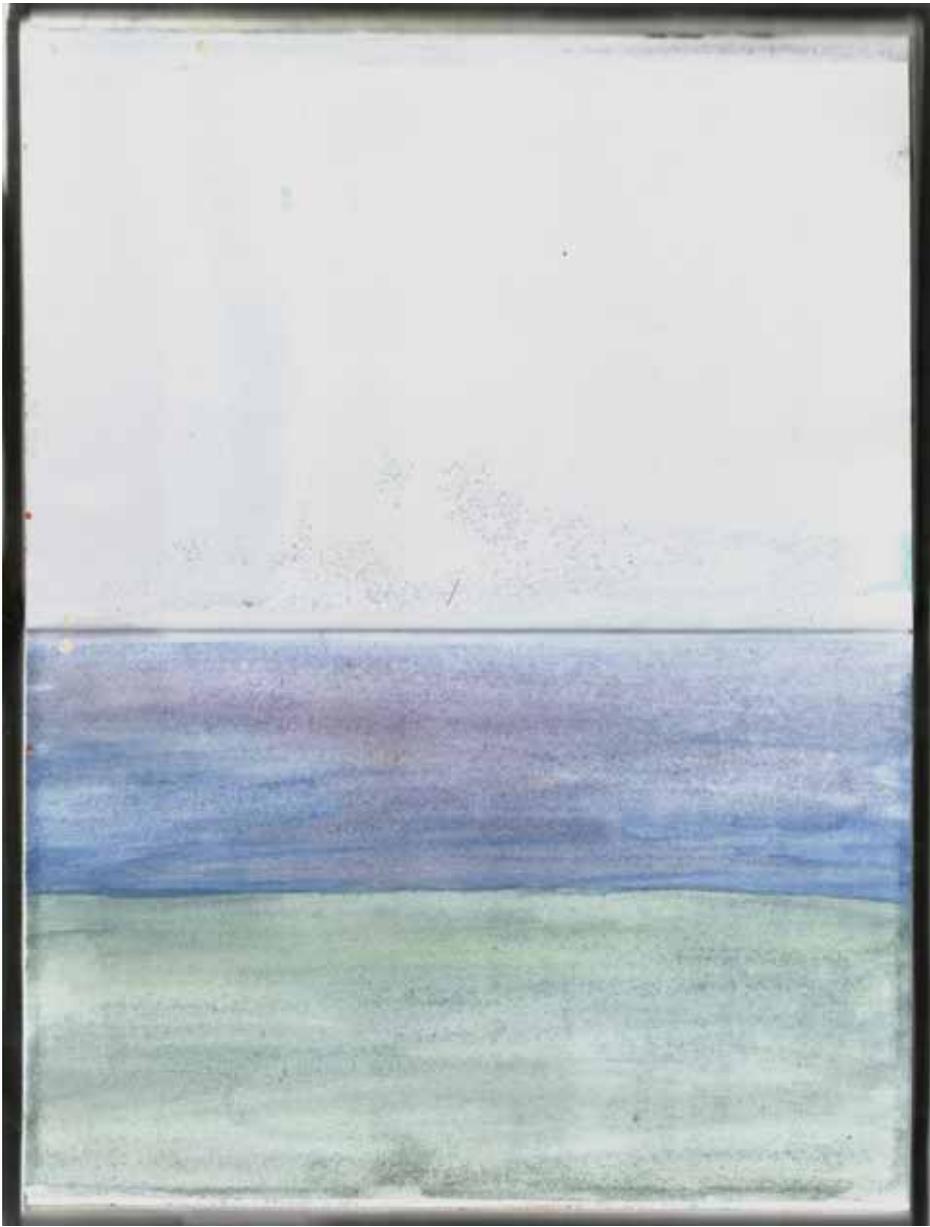




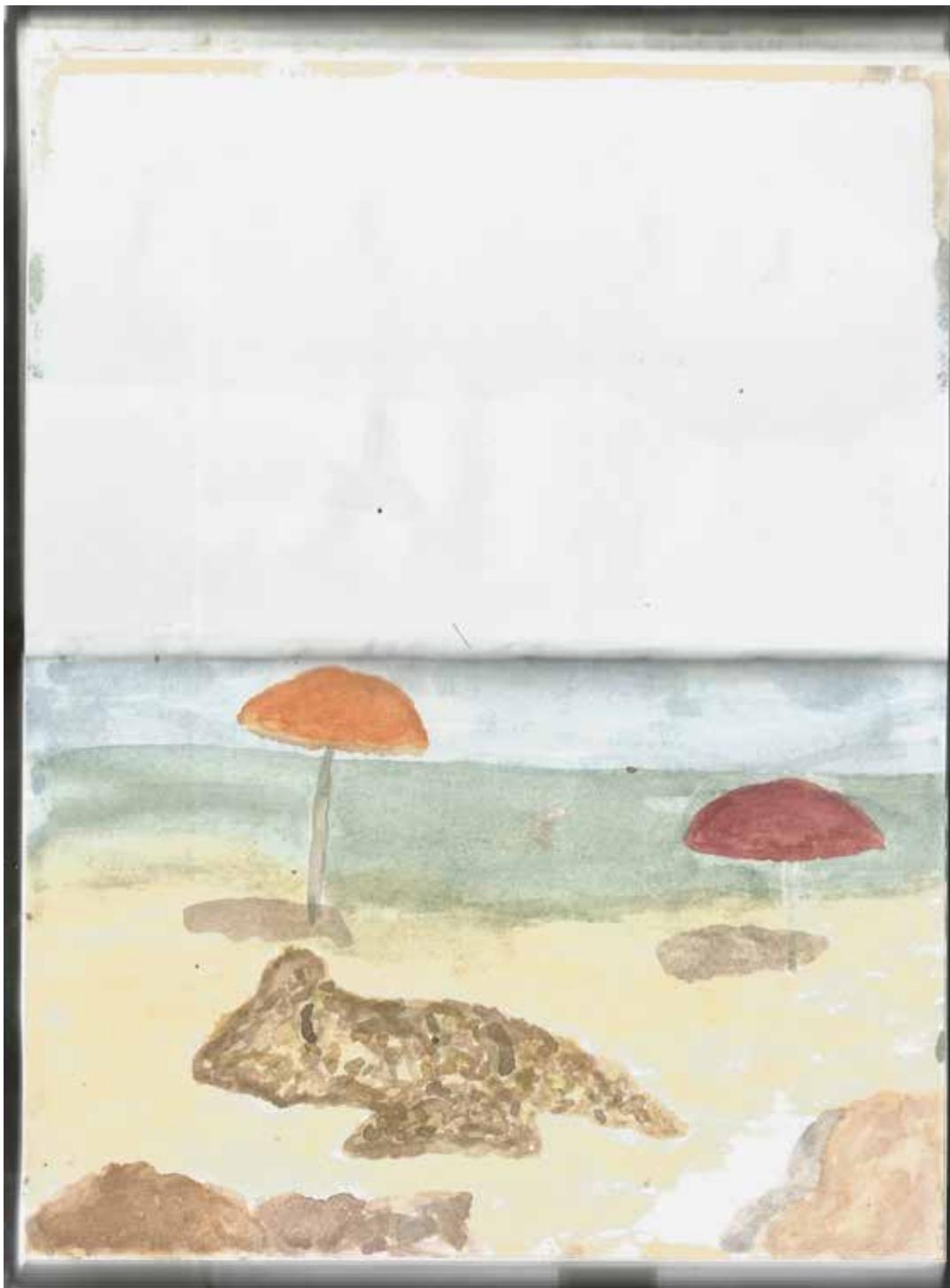


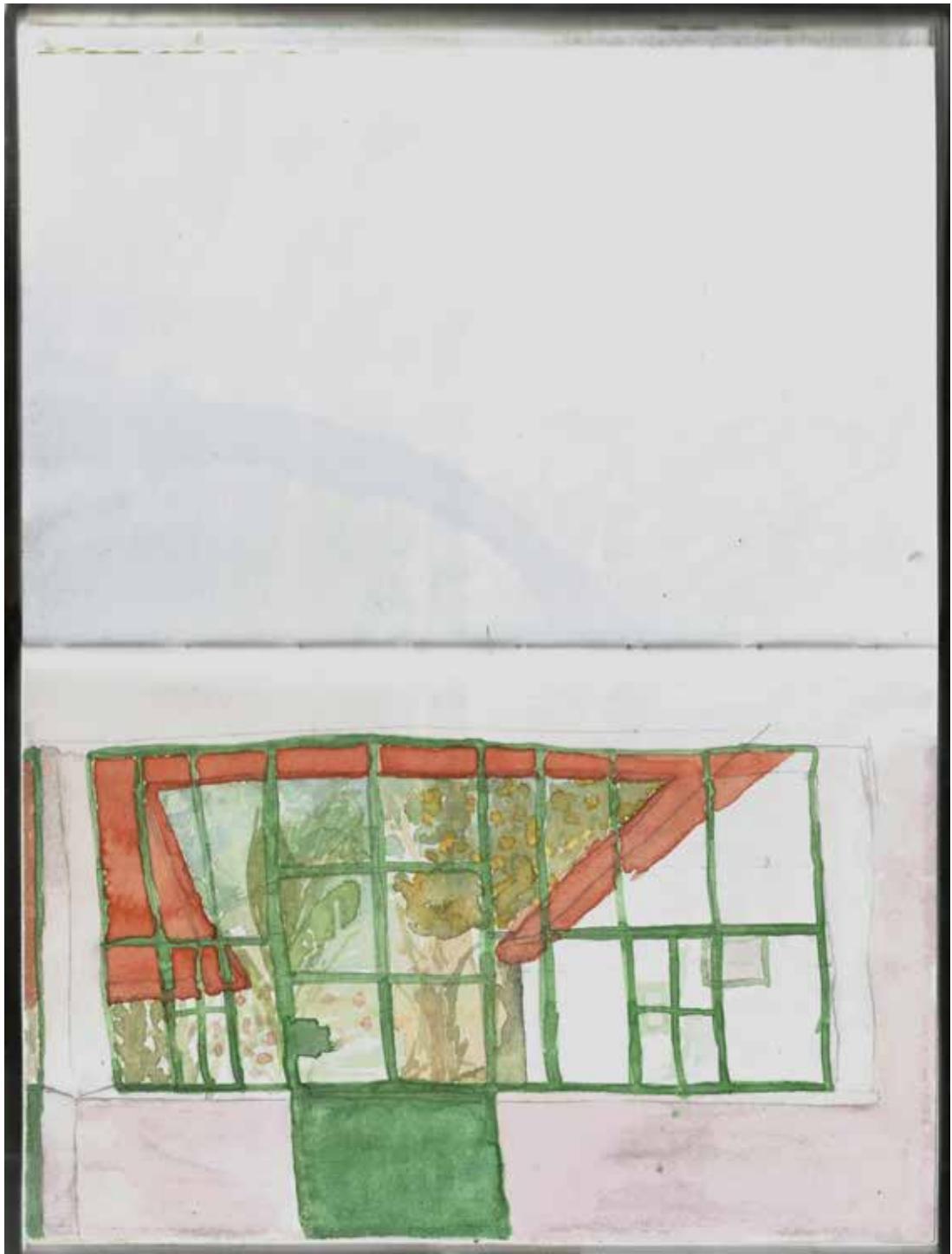
CADERNOS DE PROCESSO
experimentação com aquarela



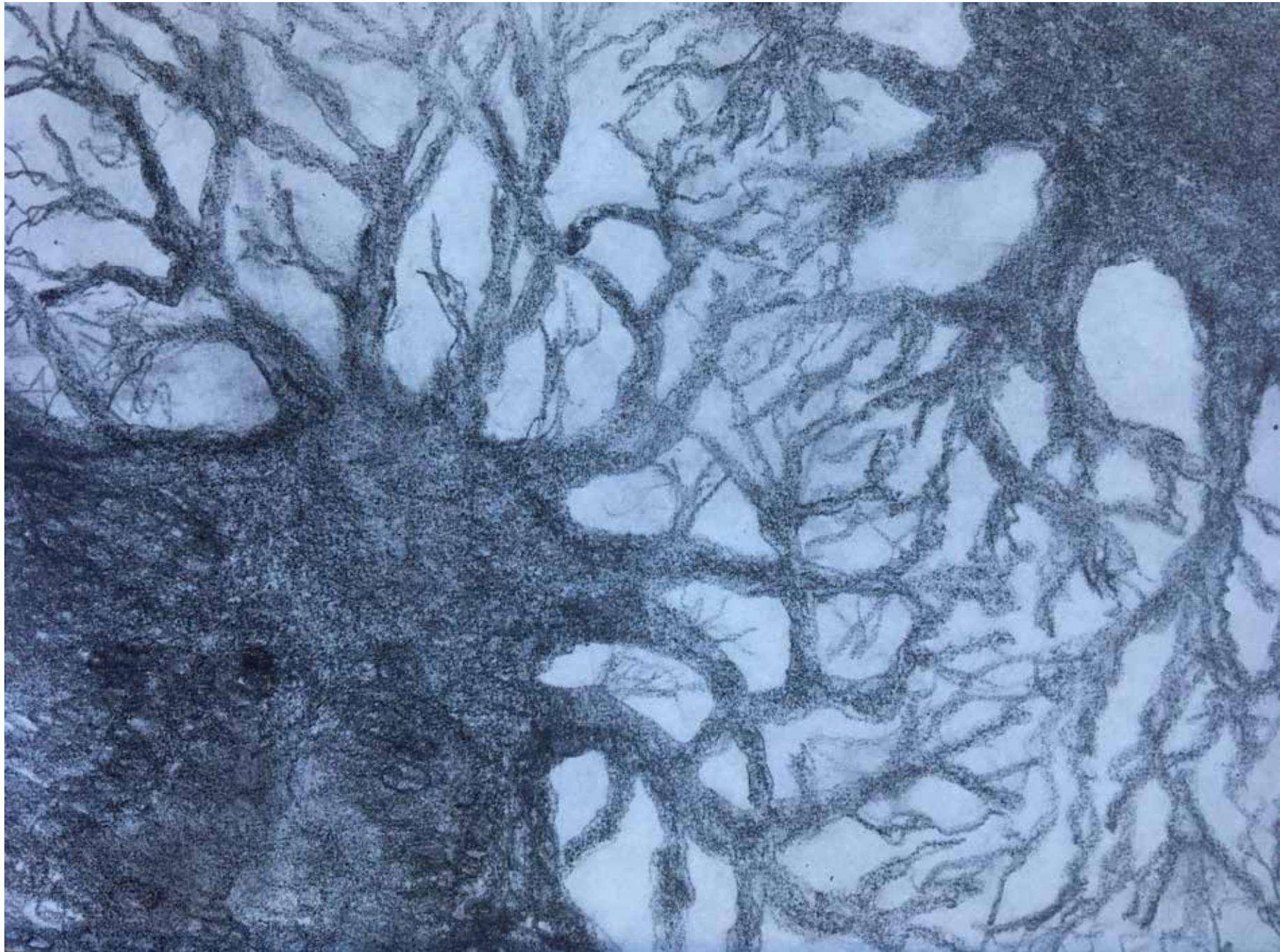


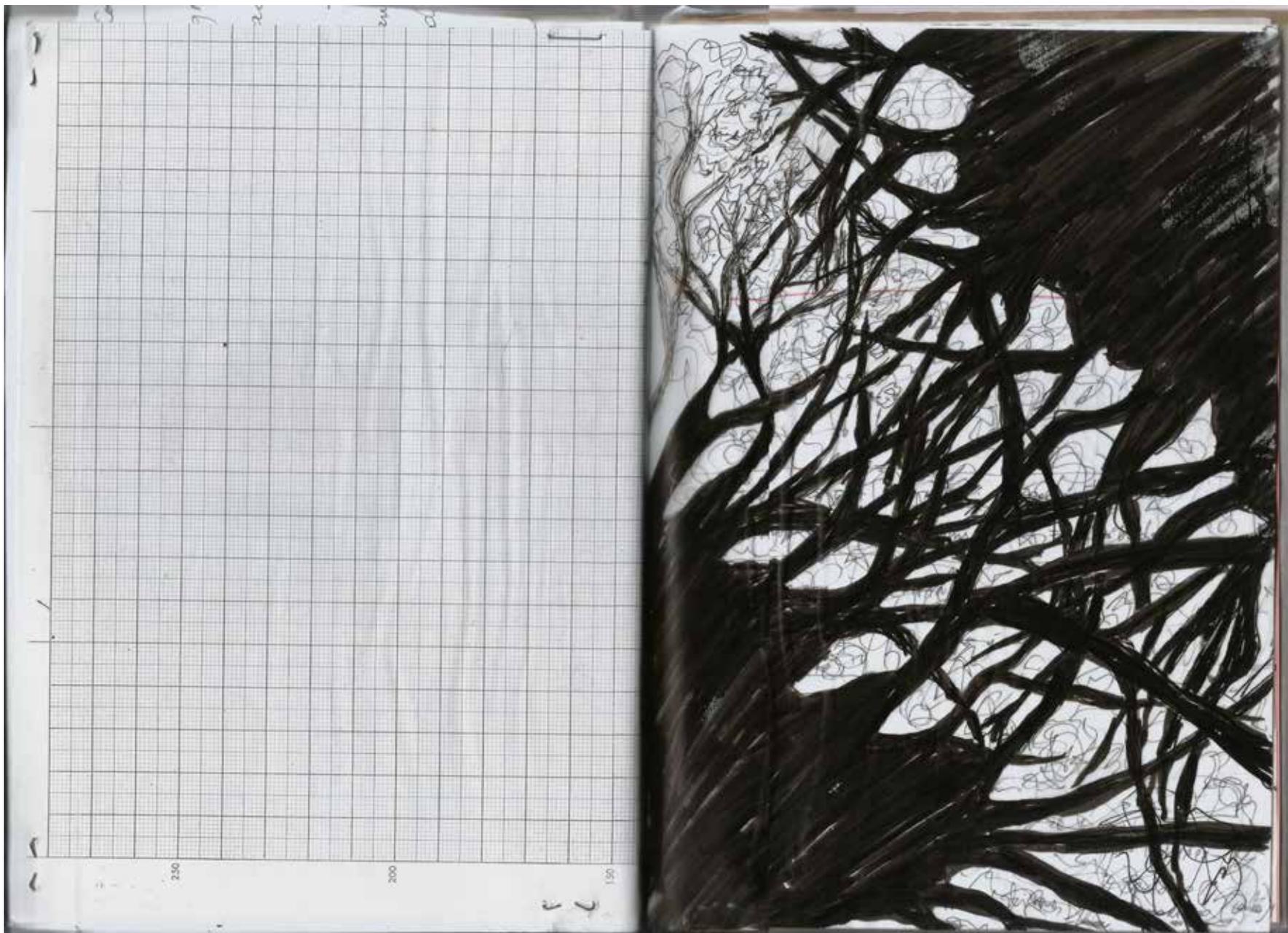


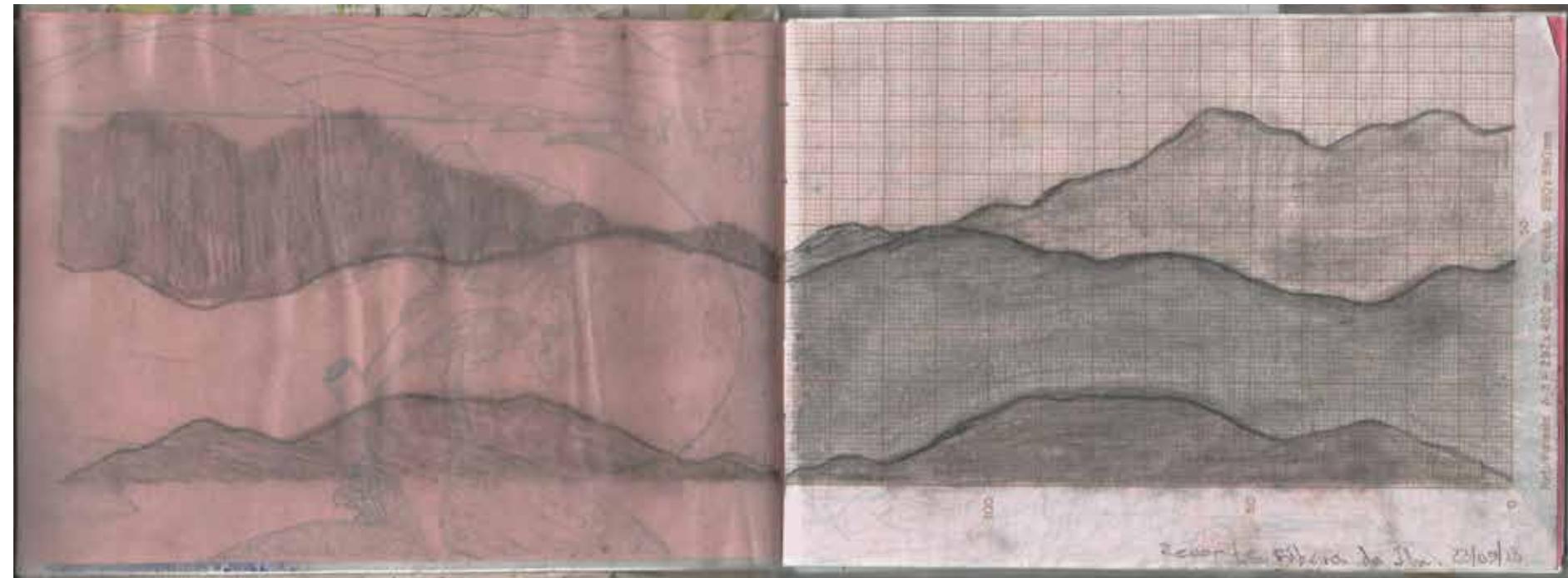


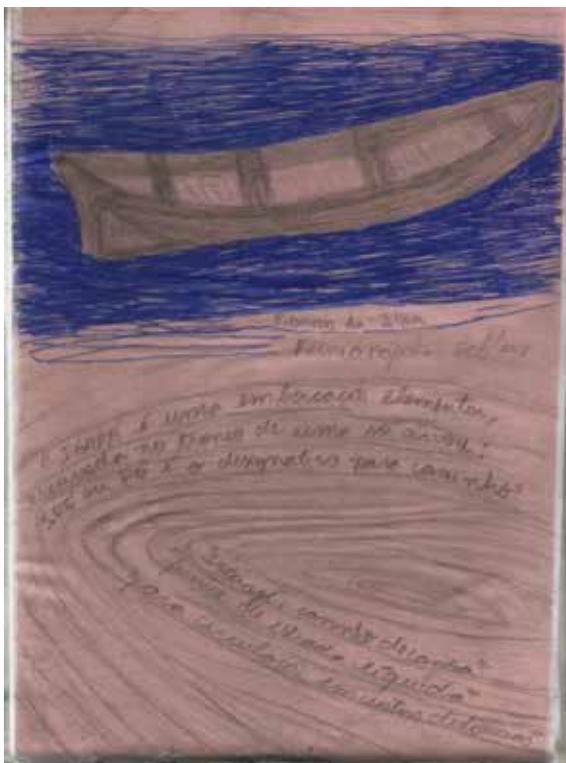


CADERNOS DE PROCESSO
experimentações e registros de caminhadas











30/09: Caminhadas a partir do jogo proposto pela Gabriela

- 1) 25 minutos tudo a sul como norte (porque onde está o sul)
- 2) 20 minutos em um jogo com as outras unidades.

CARTOGRAFIA DAS EXPERIÊNCIAS

Planície física do traço cego, conta com a ausência de quebra-luz

SEMPRE REFORÇA DA JORNADA DE CARRÃO VOG DE JULE PASSOS DE COO RISO DA GABRIELA

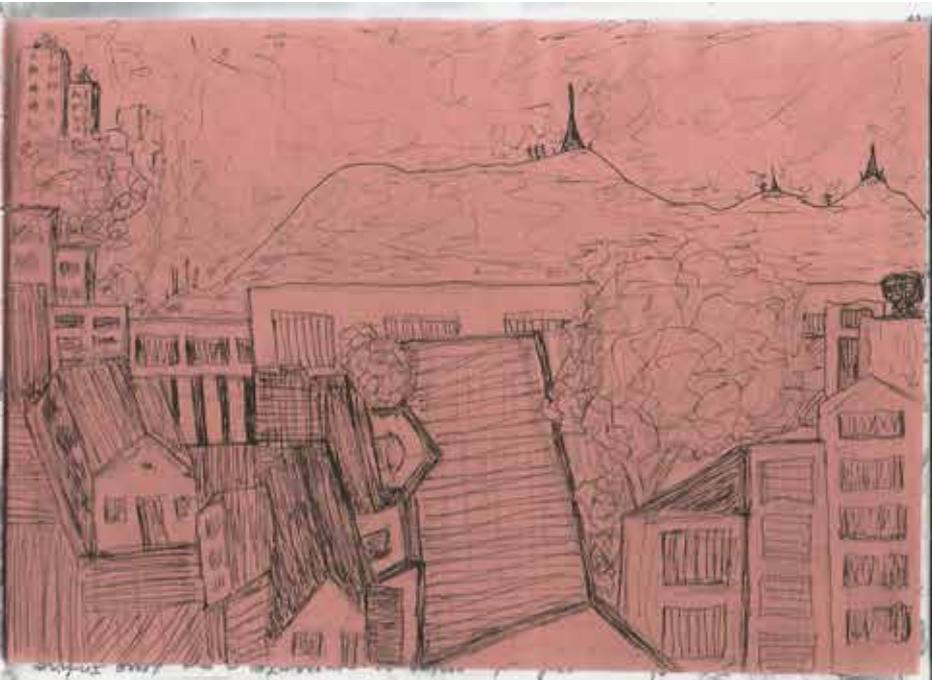
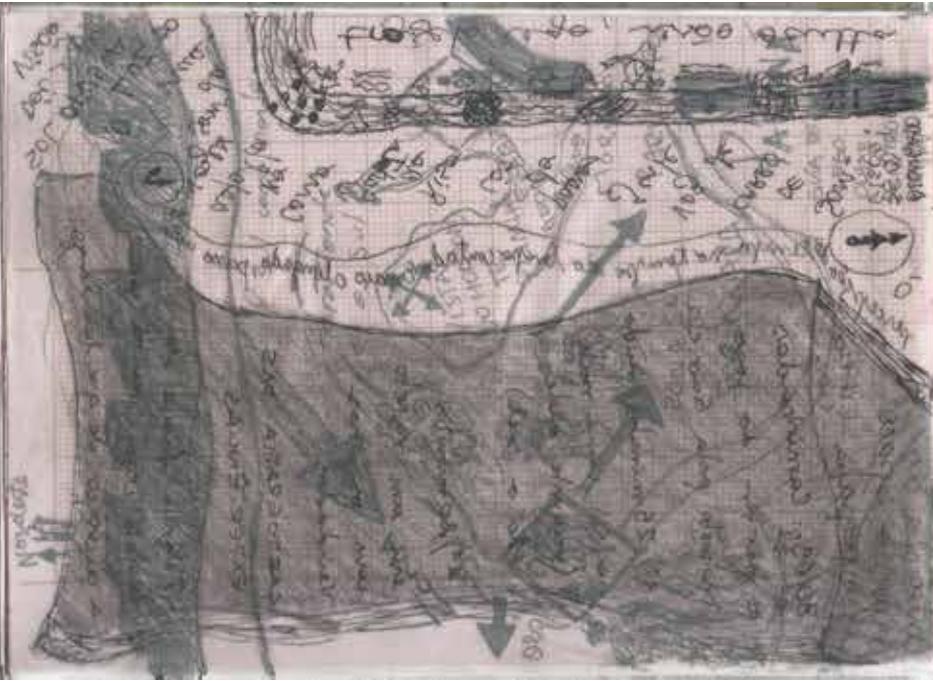
Como no jogo de Luz do

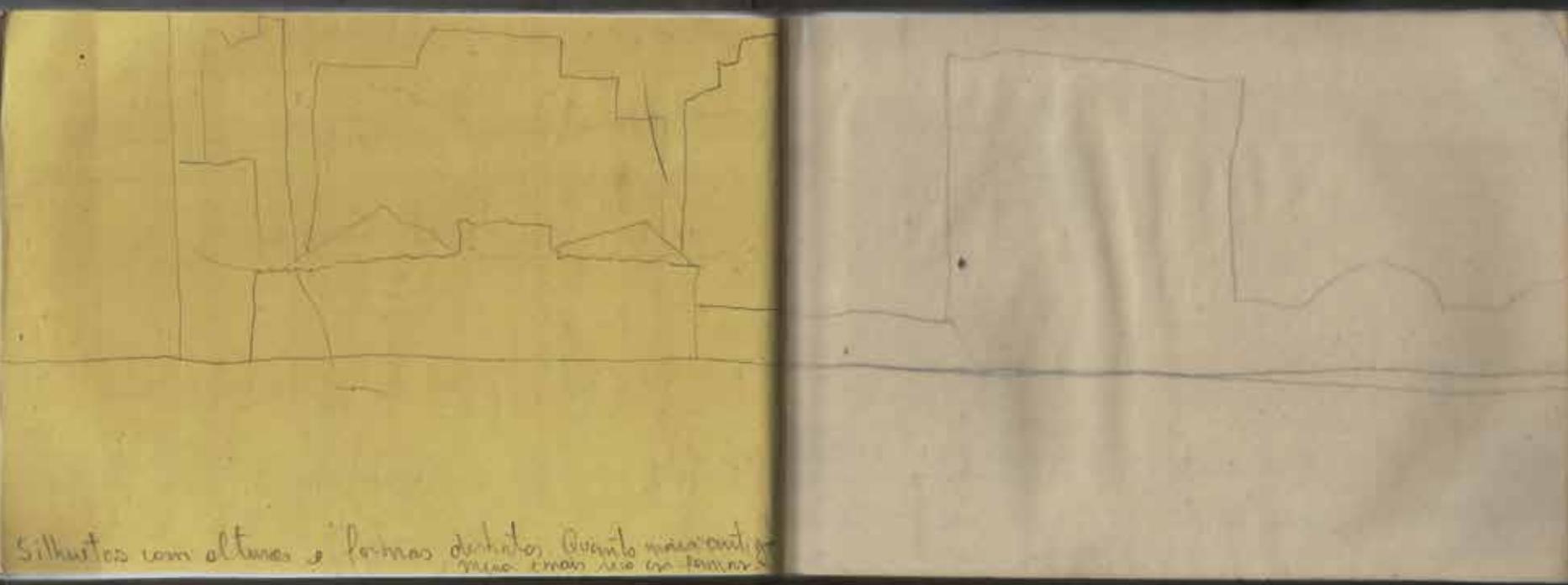
SEM. DE CARRÃO VOG DE JULE PASSOS DE COO RISO DA GABRIELA

três ego, não ouzta

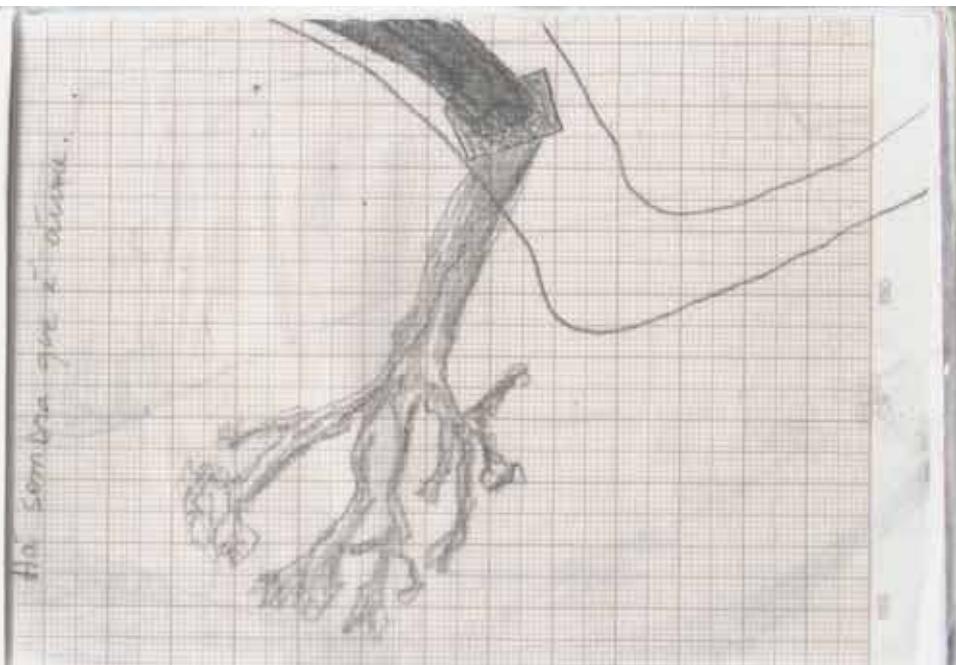
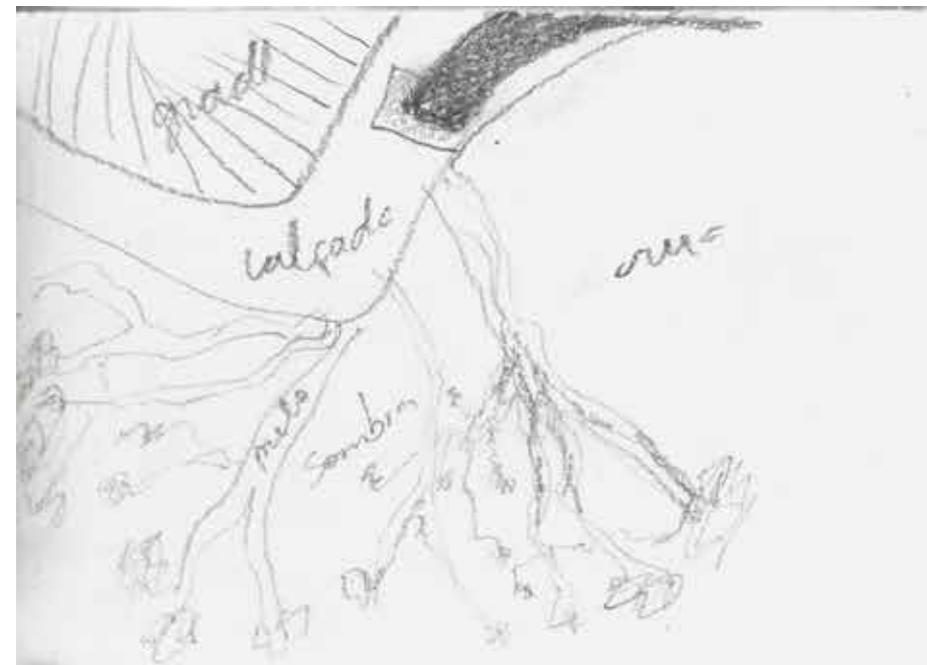
10 Luz do OPUS

registro realizado durante a primeira imersão com a Gabriela Leiras





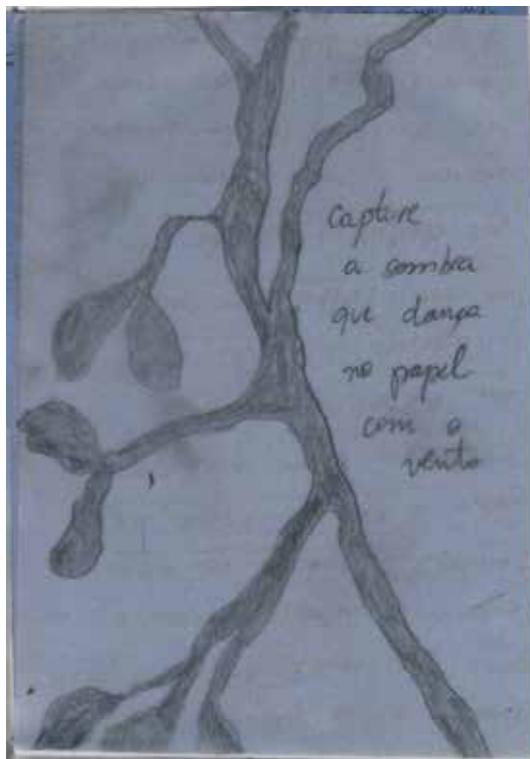
registro realizado durante a
imersão com a Tamara Andrade



registro realizado durante a
imersão com a Tamara Andrade



registro realizado durante a imersão
com a Tamara Andrade



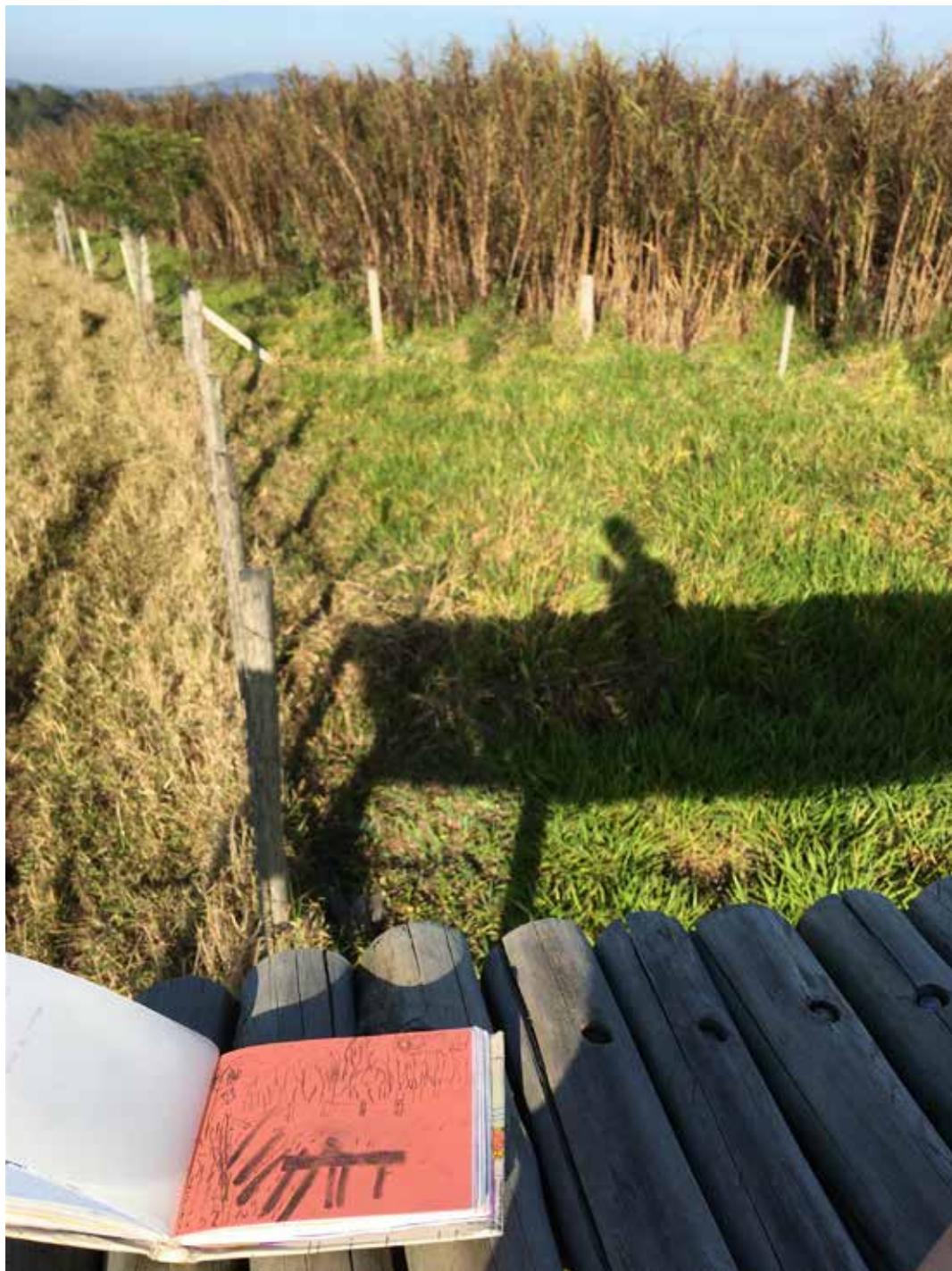
registro realizado durante a imersão
realizada na fazenda da serrinha



registro realizado durante a imersão realizada na fazenda da serrinha



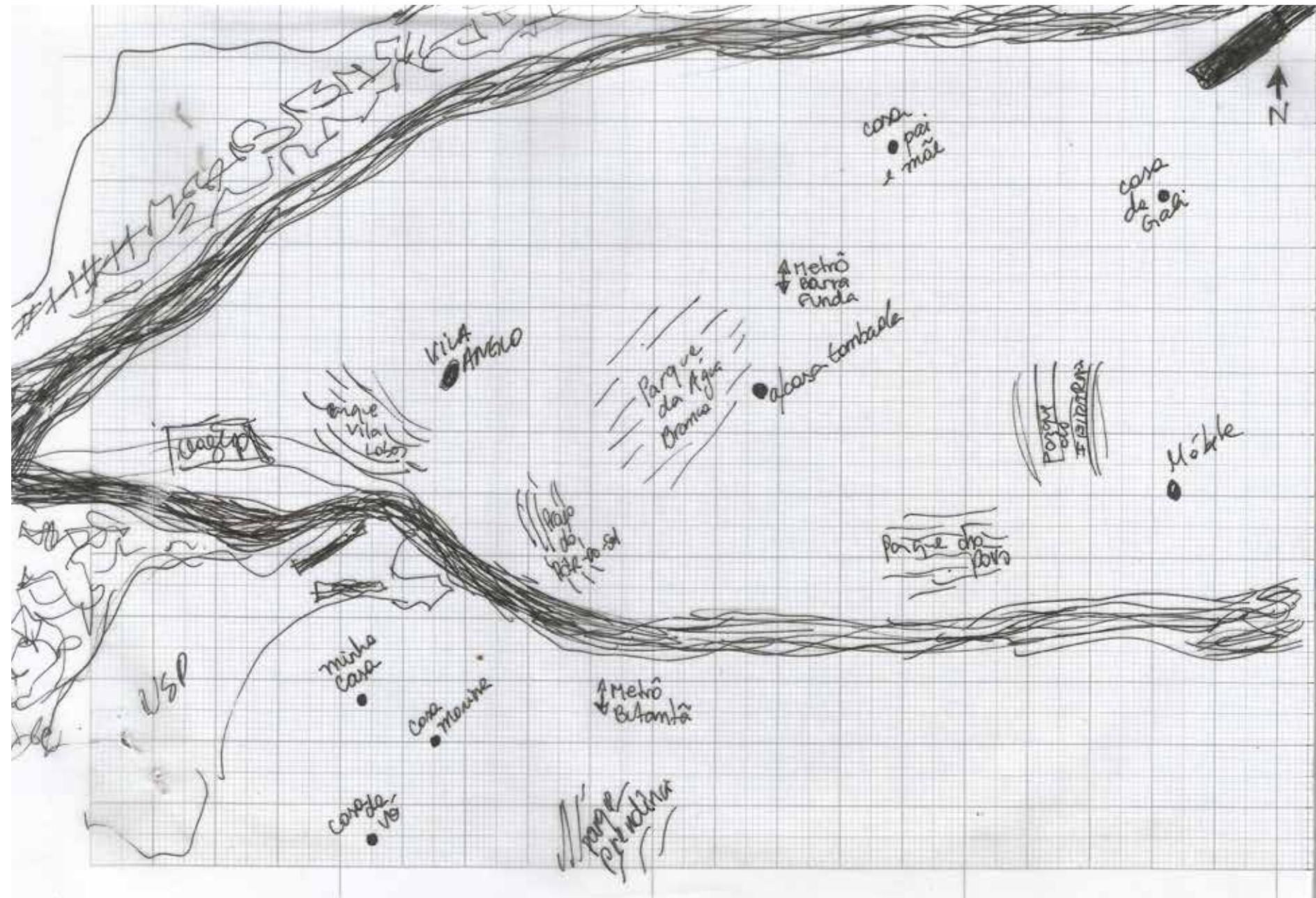
registro realizado durante a imersão
realizada na fazenda da serrinha



registro realizado durante a imersão realizada na fazenda da serrinha

CADERNOS DE PROCESSO

mapas

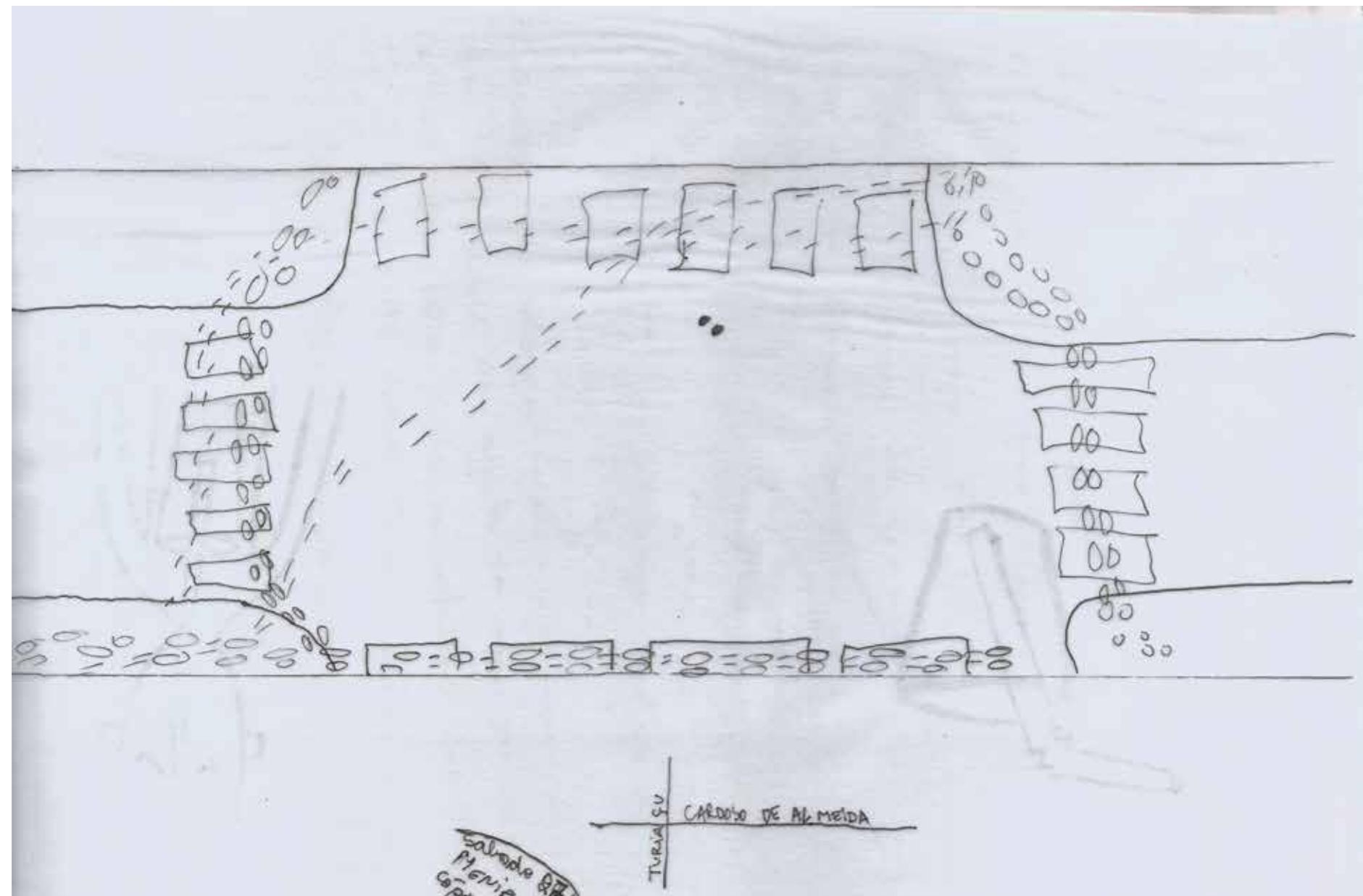




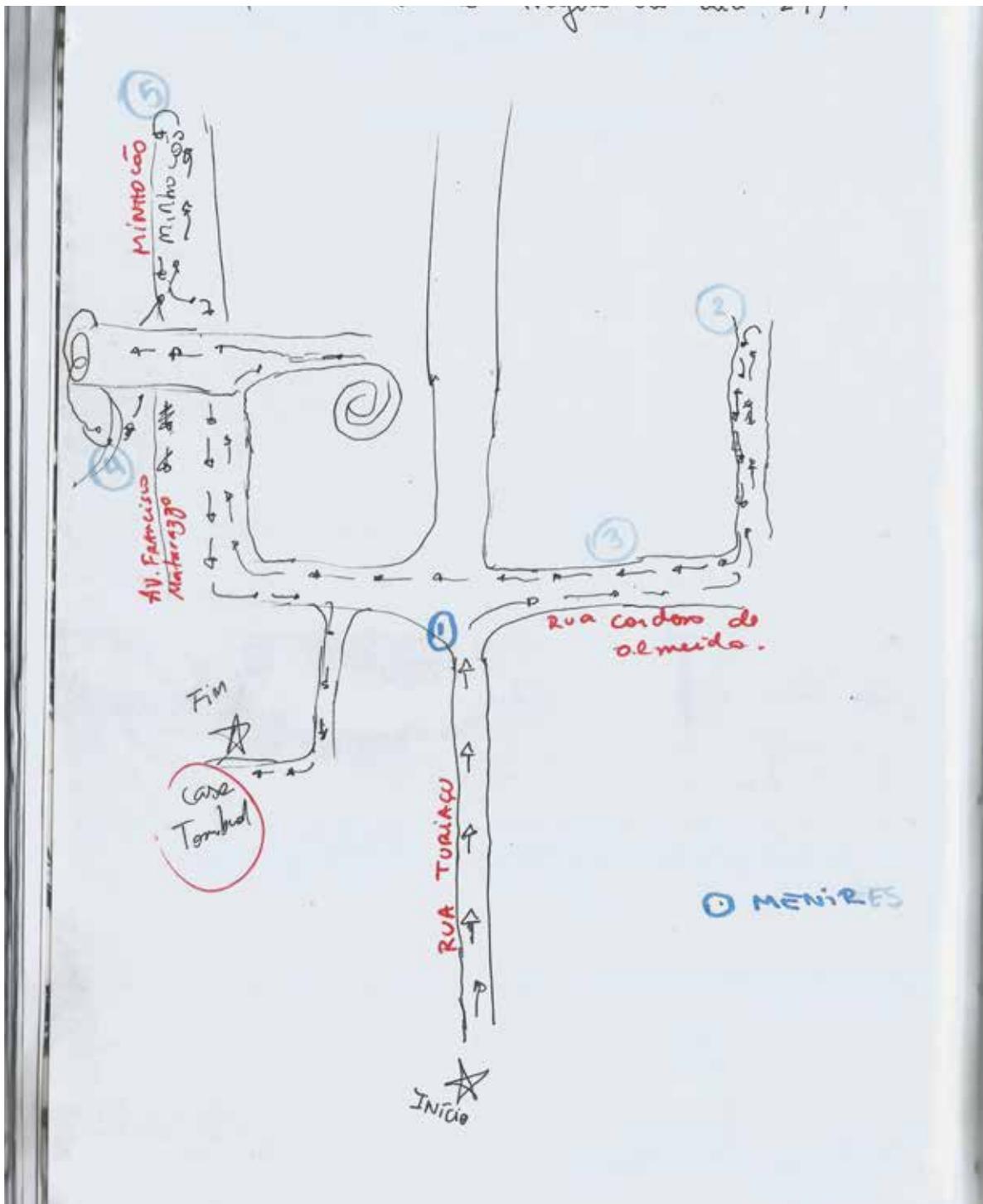




registro realizado durante a imersão com a Ângela Castelo Branco



registro realizado durante a imersão de abril de 2019 - caminhada em grupo, com enunciados diversos a cada menir

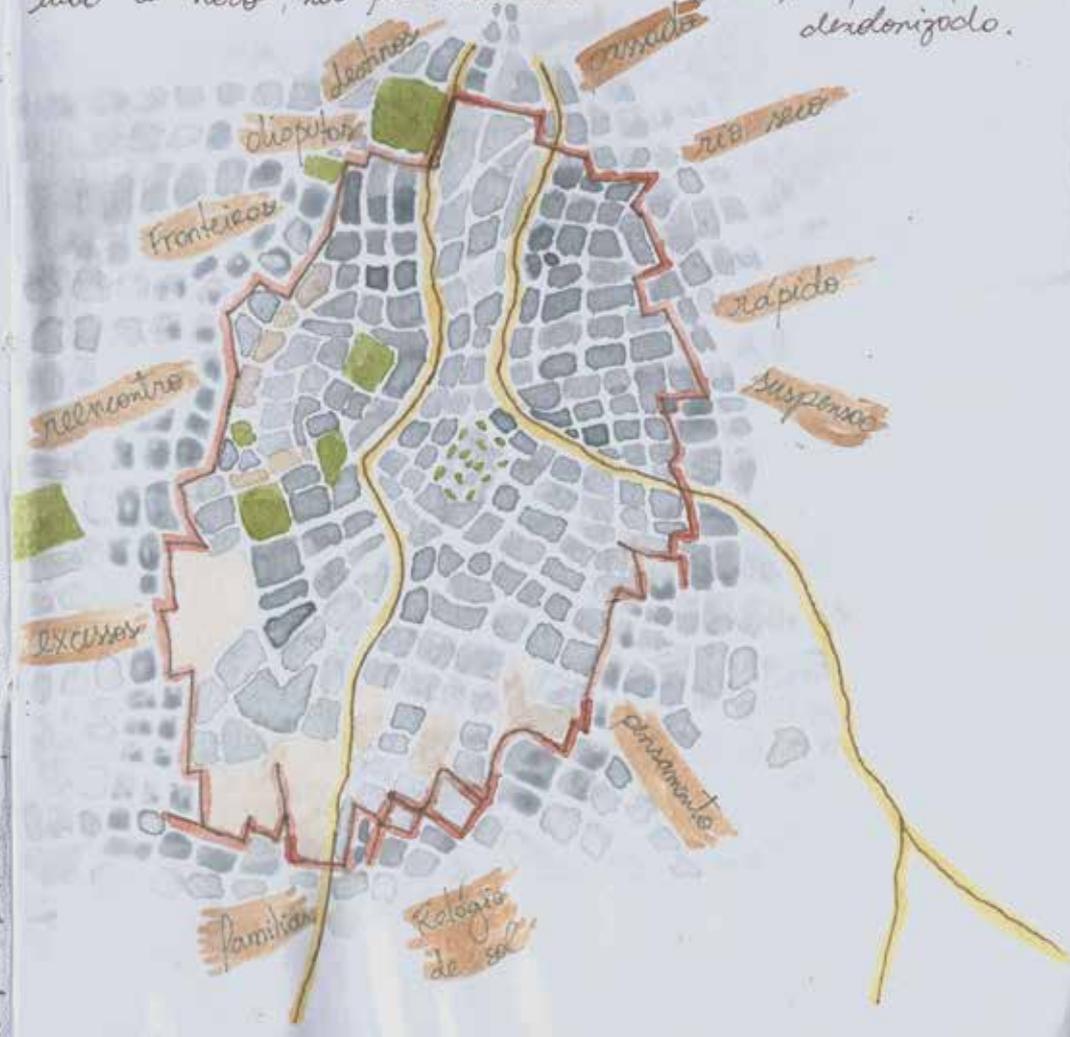


registro realizado durante a imersão de abril de 2019 - caminhada em grupo, com enunciados diversos a cada menir

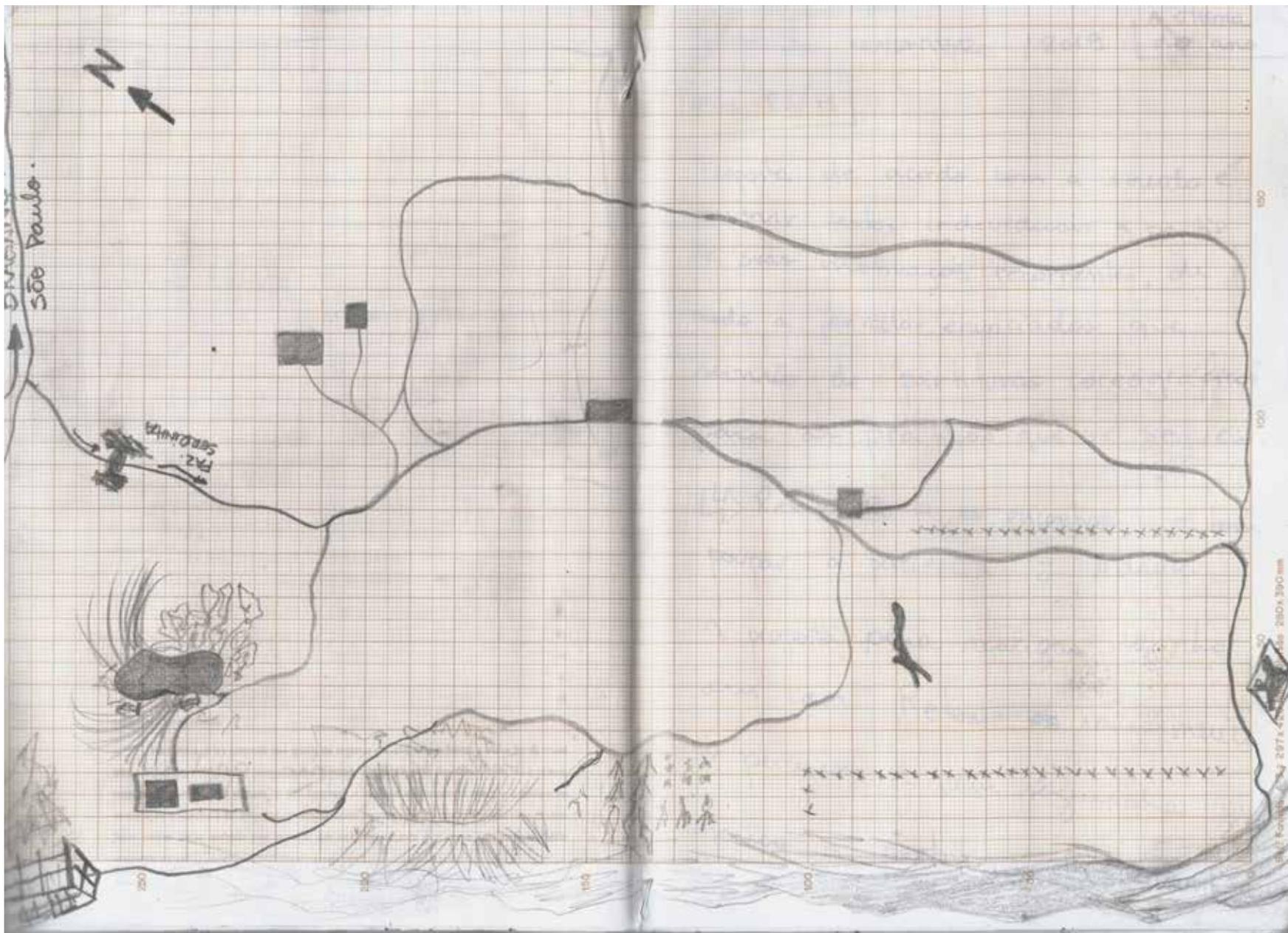
17/08/19

Relato do que não vivi: Caminhada por caminhos (des)conhecidos de São Paulo.

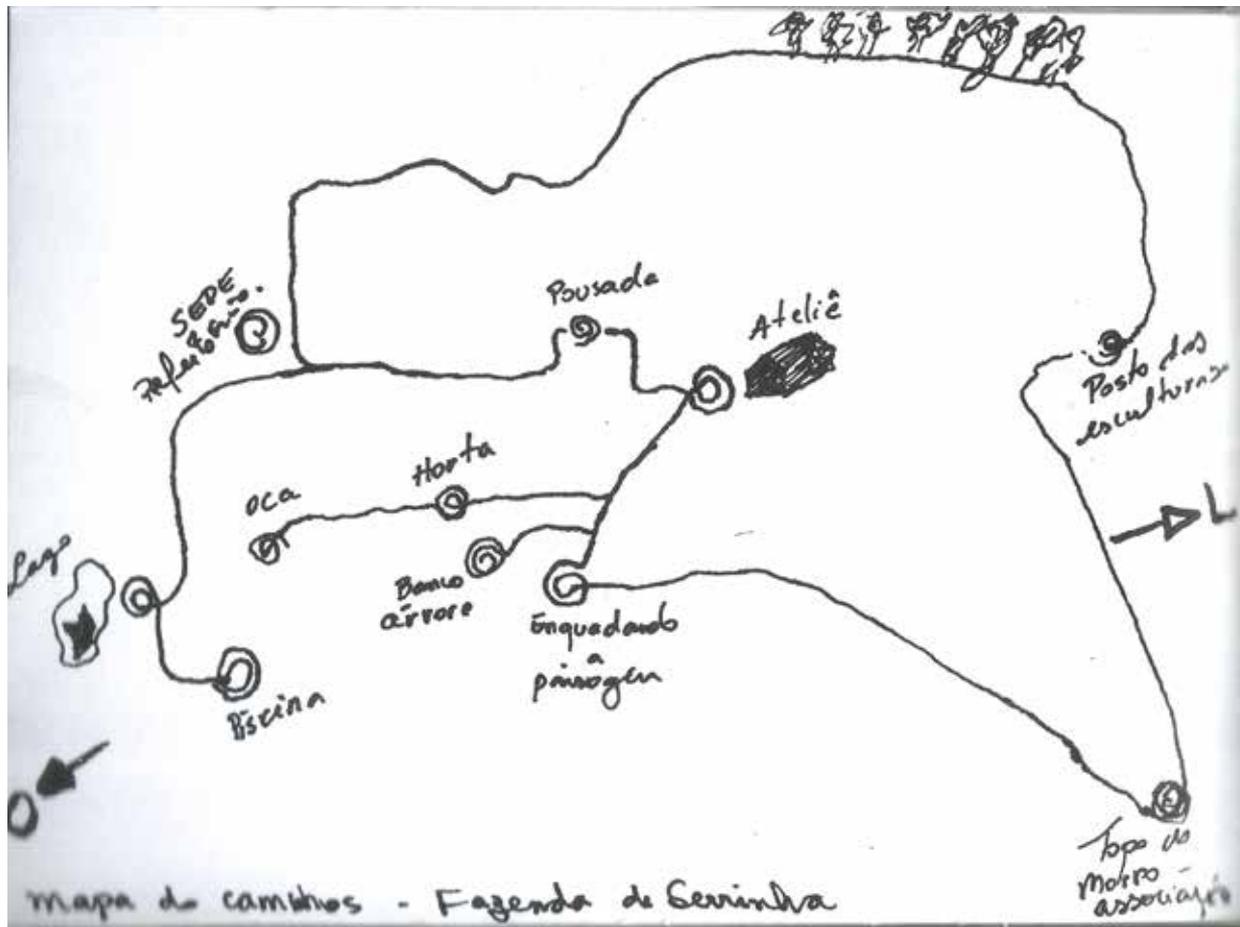
Caminhar pelas desconhecidas habituais. Lugares familiares
que tornam-se novos ao passo que os padrões de circulação
não redesenhados. Fora da rotina do caminho cotidiano,
tudo é novo, não pela materialidade objetiva, mas pela experiência
desdoriçada.



registro realizado durante a segun-
da imersão com a Lua Tatit



registro realizado durante a imersão a fazenda da serrinha



registro realizado durante a
imersão a fazenda da serrinha

Todo mapa tem seu autor e é povoado de intenções, signos e símbolos que expressam e revelam as *tonalidades afetivas* das experiências. O mapa não é. O mapa está sendo.

“Temos várias maneiras de relacionar-nos com a natureza, algumas das quais podem ser chamadas 'sobrenaturais', 'teóricas' ou 'perspectiva' (segundo os nossos vários gostos). Uma de tais *maneiras é encarar a natureza como se fosse um mapa. Invertamos, sob tal visão, a relação epistemológica entre paisagem e mapa. O mapa não mais representa a paisagem, mas agora é a paisagem que representa o mapa. O mapa não mais serve de instrumento para nos orientar na paisagem, mas agora é a paisagem que serve de instrumento para nos orientar no mapa*”

(FLUSSER, 2011, p. 31)



CADERNOS DE PROCESSO

escritos

A epiderme do corpo carrega a geografia da pele:

as manchas, as cicatrizes, as pintas

Com ou sem histórias, são memórias da relação de um corpo com o seu entorno.

A pequena camada que limita o interno e o externo é a superfície de impressão.

Pelas permeabilidades do corpo, as subjetividades penetram, escoam, permanecem na geografia do invisível



... Encanto
no centro...

mato molhado
no passo
do pássaro

cisco na palha
barulho de minhoca
ninho
ninhada

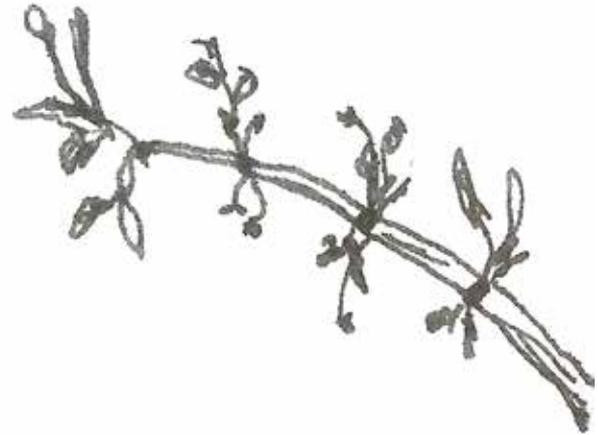
bem que te vi
sabiá que te escuto



Galho:

eleva a folha ao alcance do sol
dobra e cede à resistência das forças
trinca, quebra
rompe e cai.

o que subtrai da árvore é matéria adicionada no chão
decomposição: corpos de fauna e flora no tempo da transformação
micro-organismos que transformam a fisionomia da árvore em horizonte do solo
paisagens fluídas



átrio

átimo

átomo:

partes de todos, de todas as partes

células que tecem tecidos

órgãos

corpos: os todos

de uma só parte

feito de broto em broto

crecentes em repetidas partes

em gomos cilíndricos

emergem lado a lado

cantam em orquestra

velhos, novos,

os de dentro, os de fora:

bambuzal

balança com o vento

matura com o sol

na lenda de origem dos sacis

o rachar de um bambu anuncia um novo nascimento

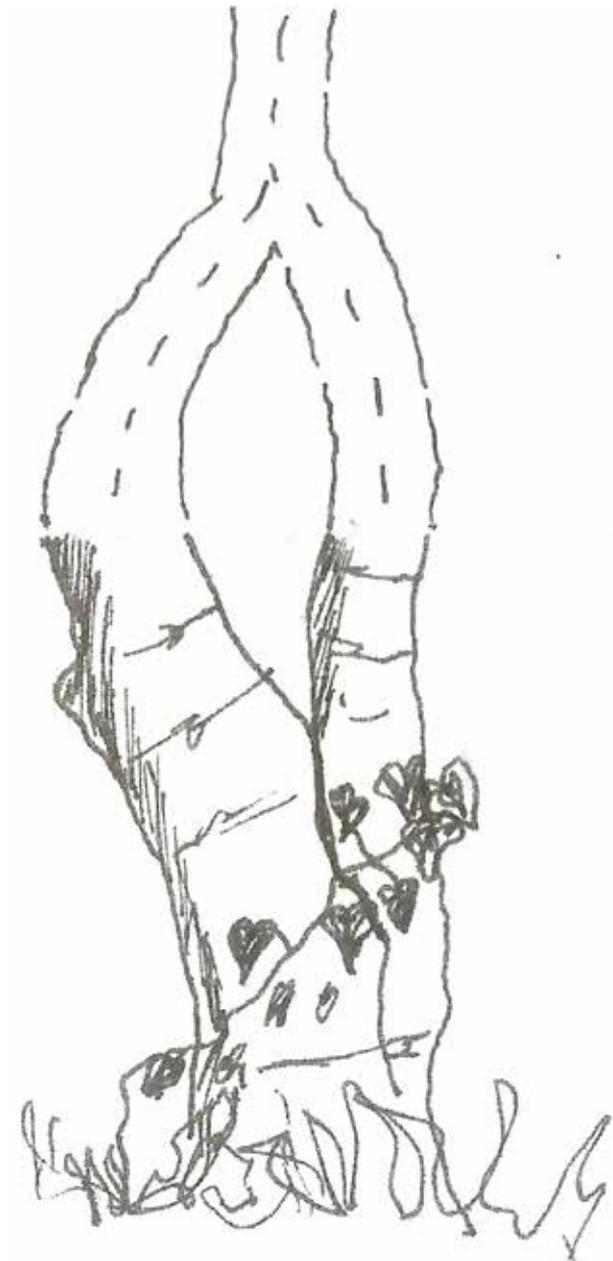


desenhos de instantes
sem traços ou curvas
imagens criadas pela mente
alcançadas pelo tato dos pés

ver de perto
tão longe sinto,
cheiro de folha
mistura da terra com água

fina
grossa
rasteira
enraízam

imagens
sentires
sentidos
fluxos que percebo no passo do tempo



As plantas são oportunistas.

Gosto das árvores que crescem longe do solo, suspensas em outros suportes que não o chão. Se há um substrato e uma semente, há uma árvore em potência sobre um telhado, entre os tijolos de um muro, saindo das rachaduras de uma parede ou do ventre, aberto pelo tempo, de uma árvore longeva.

Gosto quando árvores são substratos de outras árvores.

O Pau-ferro é árvore que vira vaso com o tempo, não por inteiro. Doa suas rugas e cavidades senis ao acúmulo de folhas, galhos e animais que pela metamorfose dos seus corpos formam um solo acolhedor de sementes. Um solo fértil, ainda que restrito, é uma oportunidade para o despertar da árvore, que é potência dormente enquanto semente.

Semente voa com o vento, com os pássaros; caminha com os corpos dos animais terrestres. Pelos corpos de outros seres vivos ou pelos fluxos inanimados da Terra, as sementes viajam sem controle do seu destino e na incerteza de viverem a oportunidade de transformar o corpo-semente em corpo-árvore.



Cena 1

O menino anda com a mãe pela viela que dá acesso ao metrô Barra Funda.

- Mãe, por que a sombra está me seguindo?

Pesco essa cena e vejo uma mãe com pressa nos passos e sem atenção à conversa do menino, que anda pela calçada rodando para ver a sua sombra.

Atraso o passo para acompanhar o desenrolar da cena.

Com vontade de interagir, pergunto mentalmente: a sombra que te segue, vem de onde?

- Anda direito, menino! - ordena a mãe.

O menino desobedece com discrição, e segue olhando intrigado para a sua sombra.

A viela chega ao fim.

Eu tomo o caminho do Memorial da América Latina e me distancio do menino.

Ele segue com a sua mãe e sua sombra, tendo o Oeste como Norte.



Esta *Cena 1* e a *Cena 2*, na página a seguir, foram flagradas na caminhada da primeira imersão. O mapa desta caminhada está na página 48 e inclui as duas cenas. Os personagens das duas cenas são diferentes. Estes episódios reverberaram em mim durante todo o curso e, de alguma forma, estão presentes nas criações poéticas que trago neste relato.

Cena 2

O menino confia na sombra
E dança

Cheguei ao Memorial da América Latina tomada de encantamento pelo menino intrigado com a sua sombra (cena 1).

Logo vi que estava acontecendo um encontro de povos da floresta, realizado em tendas brancas sobre um concreto quente.

Sentei para ouvir.

Aprendi escutando.

Quando acabou a conversa, quis seguir a caminhada que havia interrompido. Na saída da tenda, vi que uma flauta ecoava de uma caixa de som e meus olhos se voltaram para as barracas dos artistas e artesão indígenas.

Foi quando pesquei uma linda efemeridade: um menino dançando com a sua própria sombra.

A sombra dança com o vento
E com o menino que dança
Com a sua própria sombra.



CADERNOS DE PROCESSO
as fotografias cada vez mais presentes



registros fotográficos produzidos na
imersão com a Inês Bonduki.

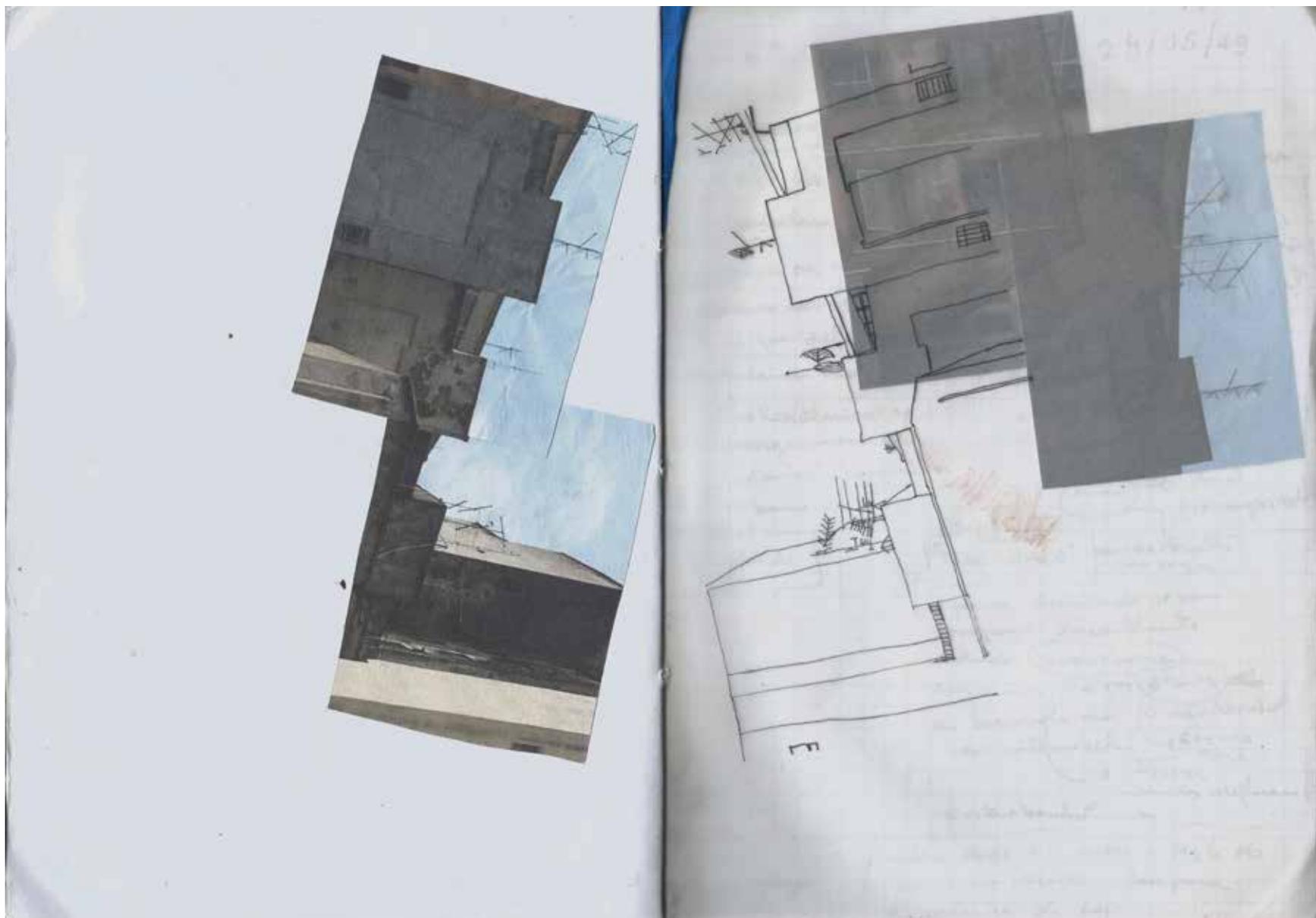
Série: “paisagens compostas”



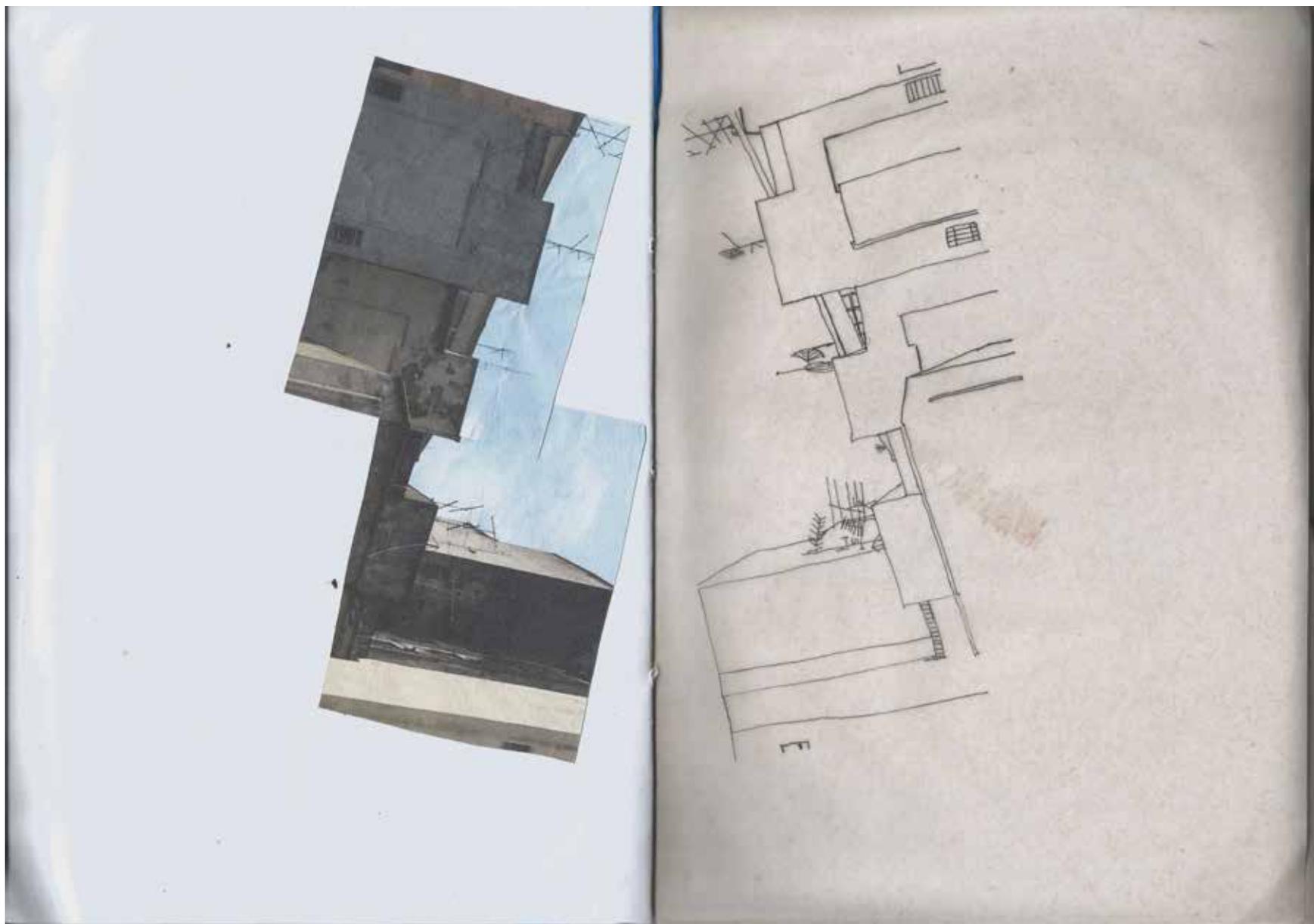
Imersão com a Inês Bonduki.
Série: "paisagens compostas"



registros fotográficos produzidos na
imersão com a Inês Bonduki.
Série: “paisagens compostas”



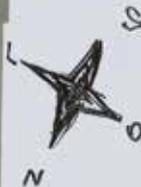
registros fotográficos produzidos na
imersão com a Inês Bonduki

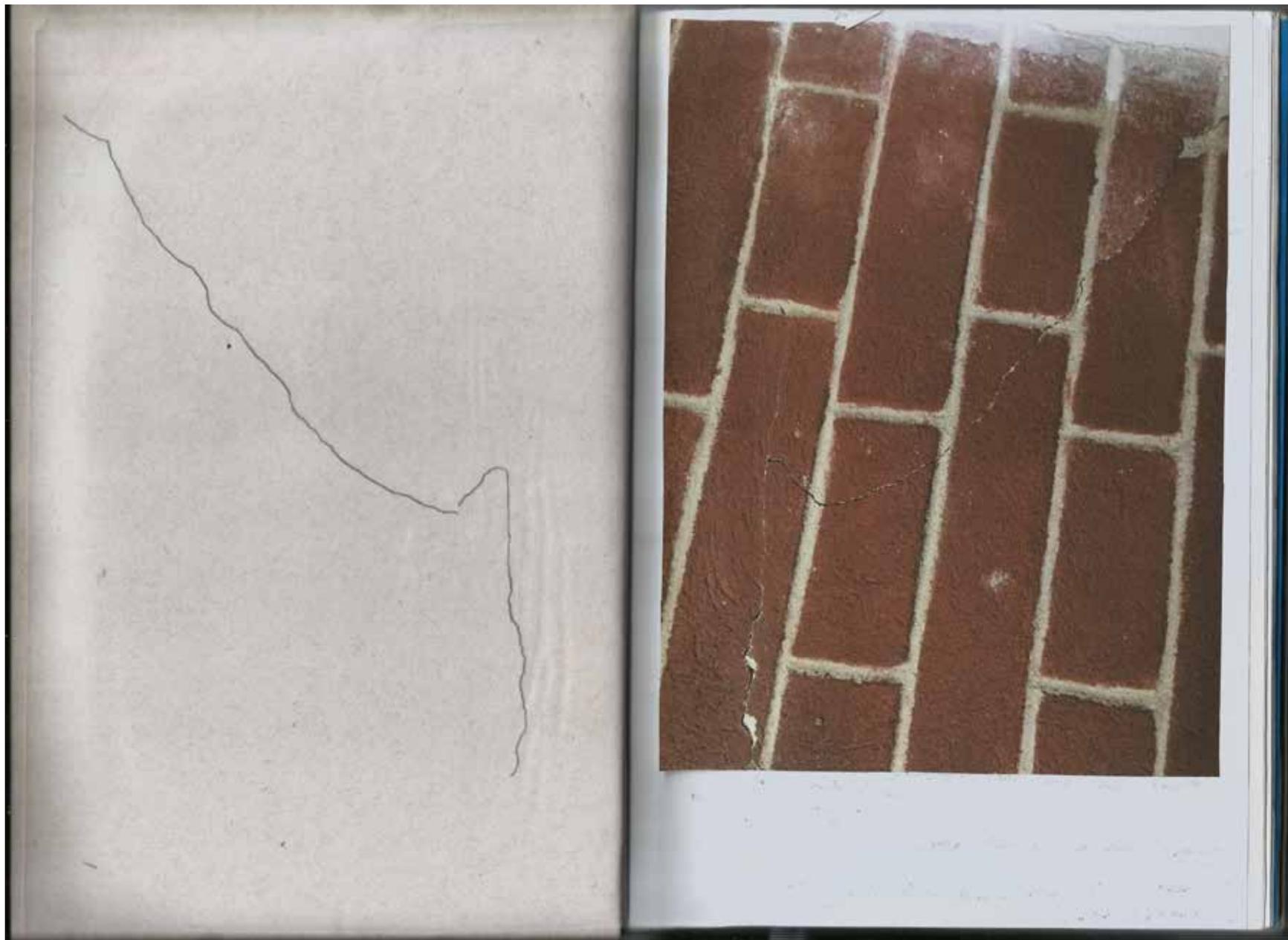


registros fotográficos produzidos na
imersão com a Inês Bonduki



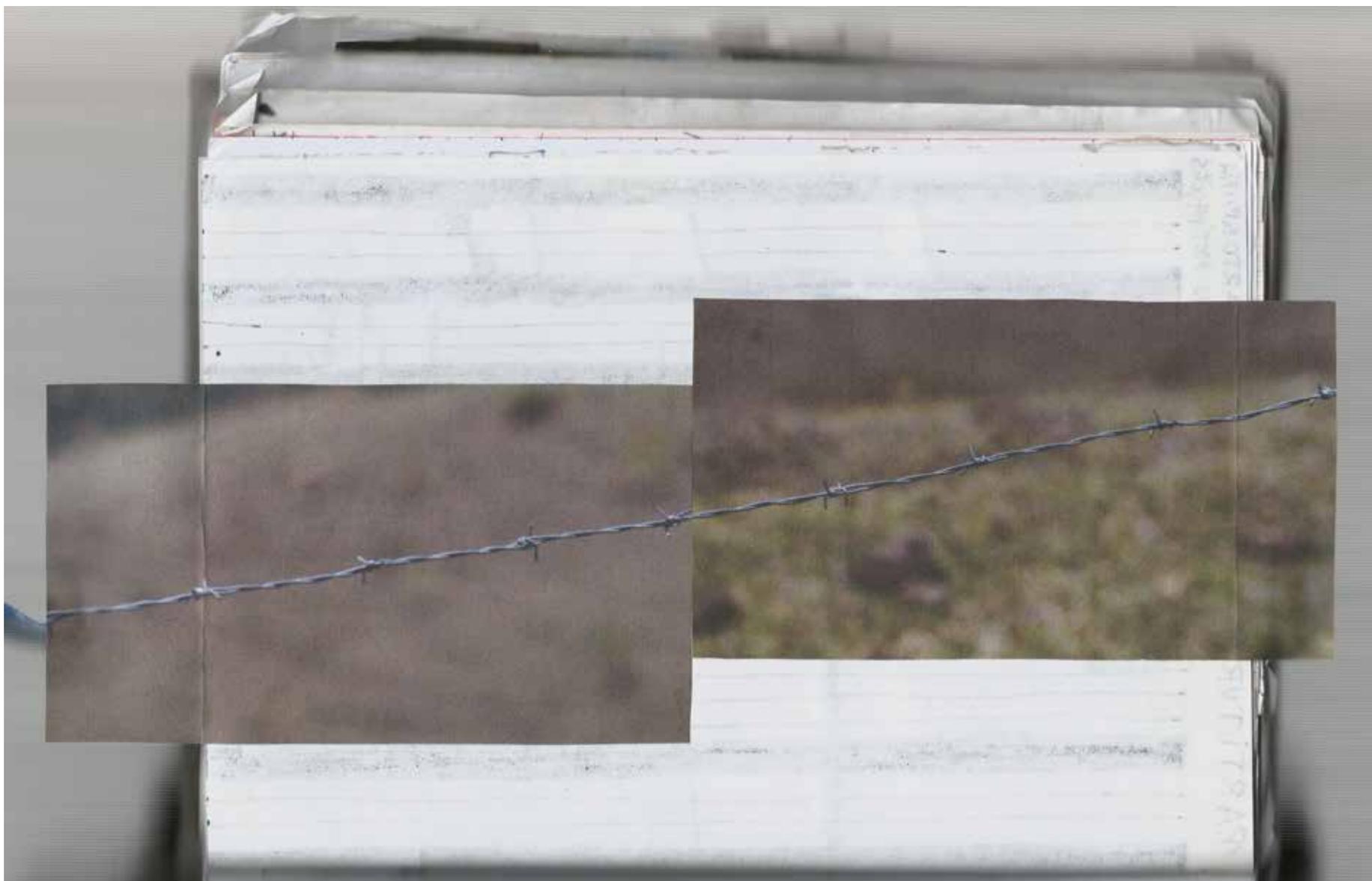
São Paulo
19 Maio 19
10:22am





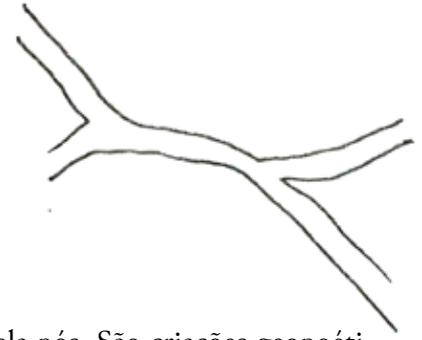


Handwritten notes in a cursive script, likely describing the crack patterns shown in the adjacent images. The text is faint and difficult to read, but appears to be organized into several lines of notes.



registros fotográficos produzidos
na imersão realizada na fazenda da
serrinha

TERCEIRA PARTE
portfólio das criações poéticas



CRIAÇÕES POÉTICAS - PORTFÓLIO

Apresento, neste portfólio, criações poéticas que derivam de experiências cotidianas disparadas pela pós. São criações geopoéticas que partem de experiências geográficas singulares. Nem todas estão finalizadas. Talvez, nenhuma esteja.

A fotografia é a linguagem predominante e o enunciado de “pescar efemeridades” é a espinha dorsal dos processos criativos que apresento neste portfólio.

A percepção do banal encantou meu olhar para os desenhos que o tempo cria no espaço: para aquilo que logo deixará de ser, para as fisionomias efêmeras desenhadas e apagadas pela luz solar, para as plantas entre frestas, para as cascas e galhos, para os relevos das rachaduras, para as paisagens recriadas pela imaginação,

Inicialmente, apresento o esboço de narrativas visuais que ilustram atravessamentos decorrentes do lirismo da paisagem e revelam um caminho de experimentação e estudo que quero continuar percorrendo.

Em seguida, apresento as criações poéticas, que estão vinculadas aos mergulhos mais profundos na proposta de *pescar efemeridades*. O ensaio fotográfico intitulado “caderno de desenho” e a série de vídeos do projeto “movimento 1 grau”, ambos no final do portfólio, partem de processos criativos disparados pelo meu interesse em perseguir o movimento aparente do sol.

NARRATIVAS VISUAIS EM PROCESSO

esboço "passantes"



terráqueo, 2019
fotografía pb analógica 35mm



astronautas em saturno, 2019
fotografia pb analógica 35mm



sem título, 2019
fotografia pb analógica 35mm

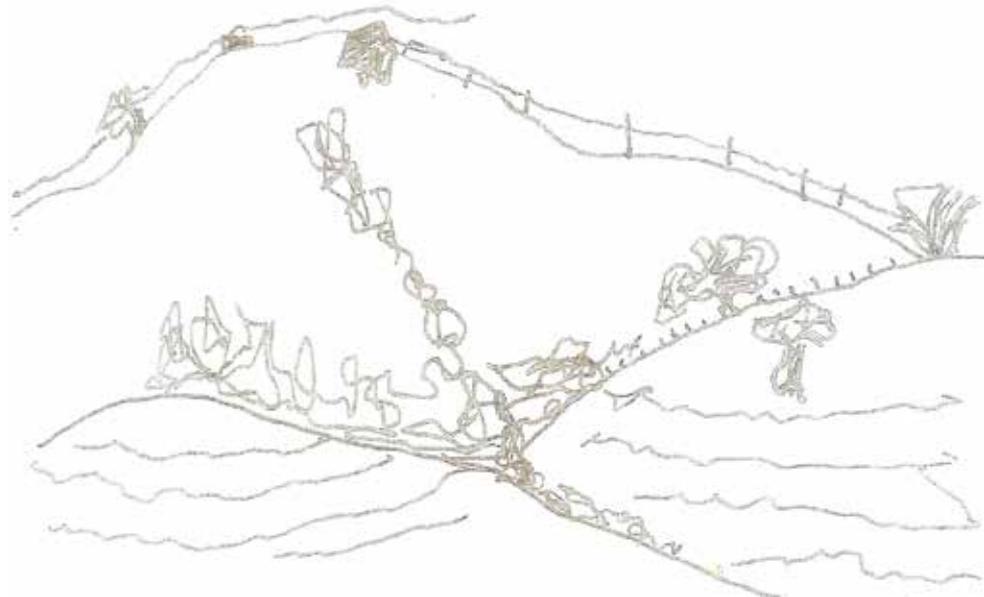


desusado, 2019
fotografía pb analógica 35mm

NARRATIVAS VISUAIS EM PROCESSO
esboço "paisagens recriadas"

A imaginação, um lugar habitado por imagens, é o fluxo criador de narrativas e de feições imateriais.

A paisagem é uma
e mais tantas









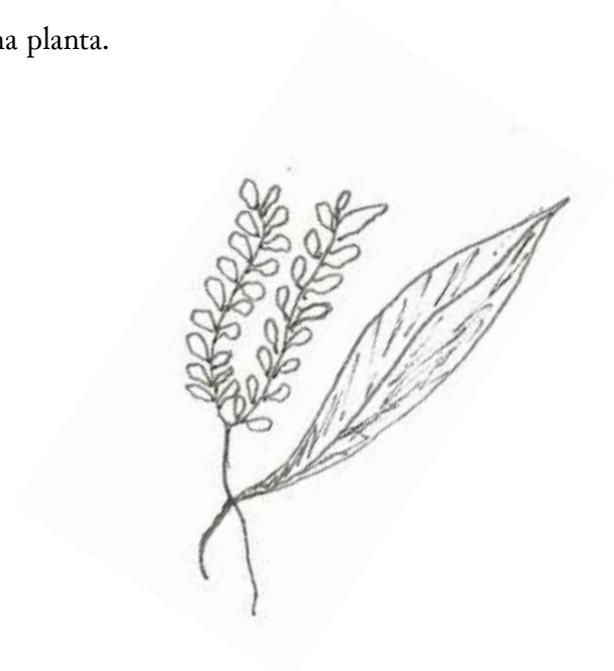


NARRATIVAS VISUAIS EM PROCESSO
esboço "rugosidades"

“A planta encarna o laço mais íntimo e mais elementar que a vida pode estabelecer com o mundo. O inverso também é verdadeiro: ela é o observatório mais puro para contemplar o mundo em sua totalidade. Sob o sol ou sob as nuvens, misturando-se à água e ao vento, sua vida é uma interminável contemplação cósmica, sem dissociar os objetos e as substâncias, ou, dito de outra forma, aceitando todas as nuances, até se fundir com o mundo, até coincidir com sua substância. Nunca poderemos compreender uma planta sem ter compreendido o que é o mundo”.
(COCCIA, 2018: 13)

Eu completaria:

Nunca poderemos compreender o mundo sem ter compreendido uma planta.









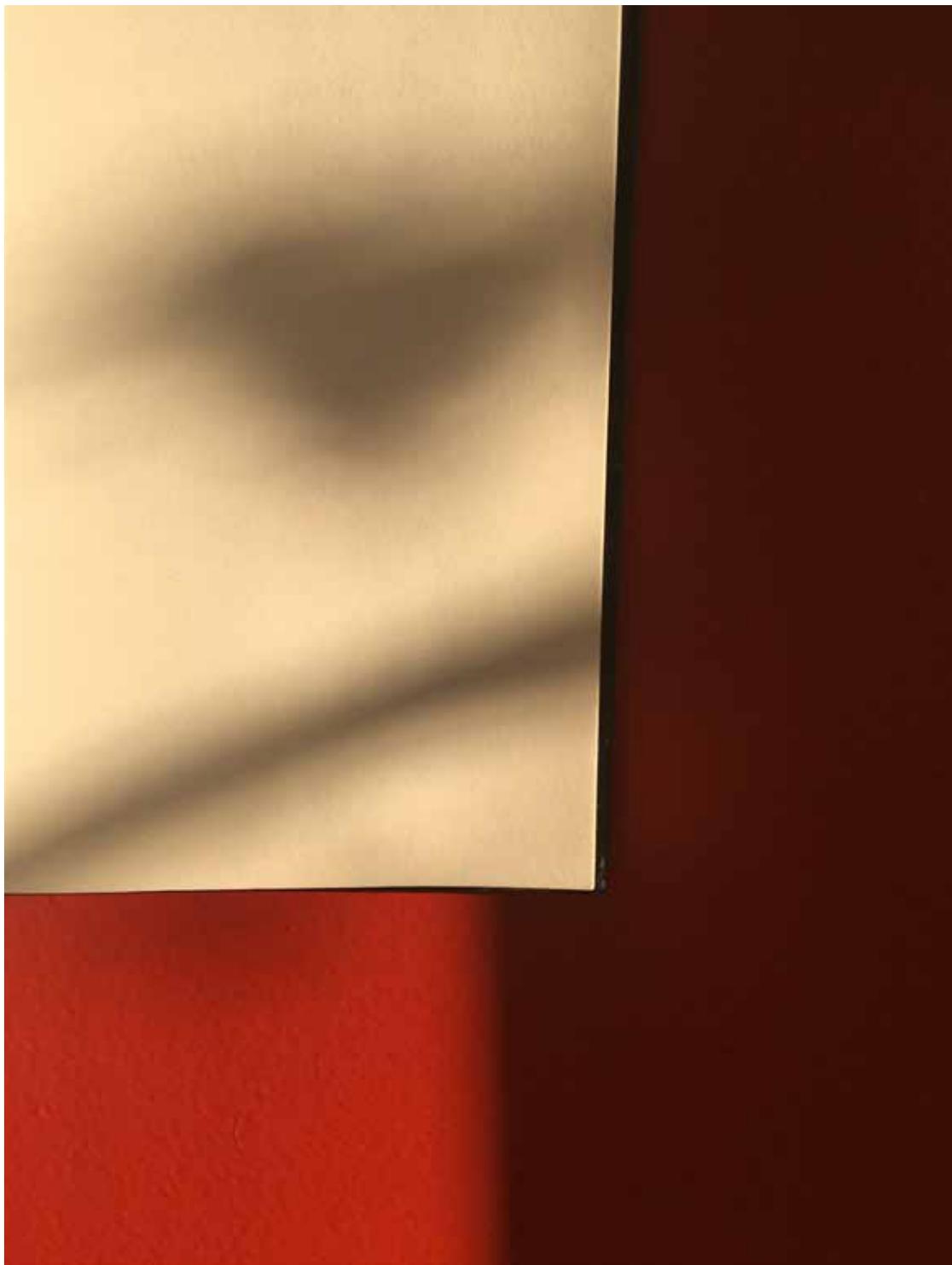




NARRATIVAS VISUAIS EM PROCESSO

esboço "desenhos da ausência"













ENSAIO FOTOGRÁFICO

"caderno de desenho"

“Viver em um lugar é experienciá-lo, é estar ciente dele tanto nos ossos, como na cabeça. O lugar, em todas as escalas, da poltrona à nação, é um constructo da experiência; é sustentado não apenas pela madeira, concreto e estradas, mas também pela qualidade da consciência humana”

(TUAN, 2018, p. 14)





por essa fresta de percepção crescente, janelas foram abertas e vitrais construídos nas paredes

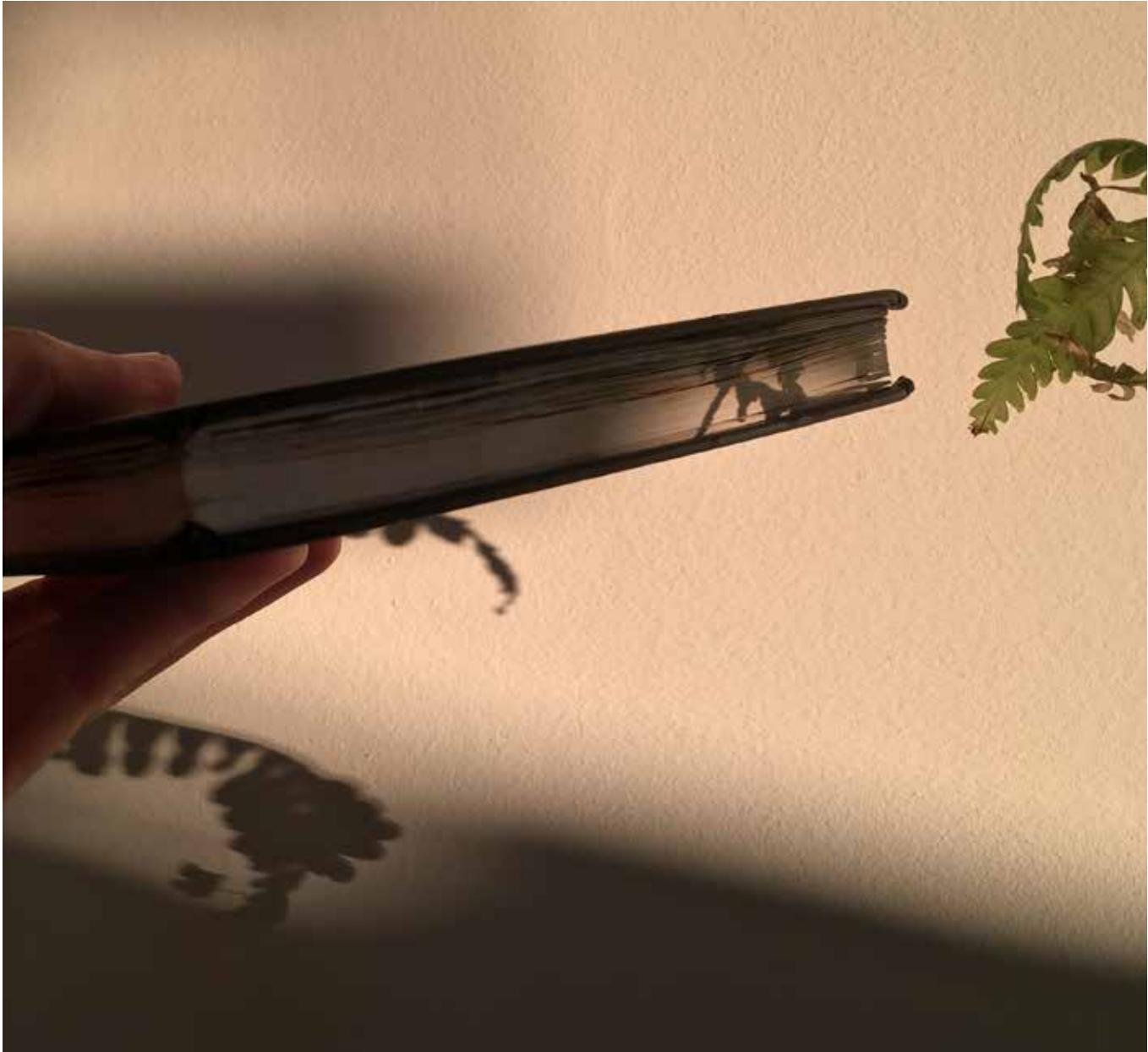
O ensaio fotográfico “caderno de desenho” é a síntese de uma verdadeira expedição geopoética nas paredes da minha casa, que é face leste e, por isto, recebe a luz solar do alvorecer ao meio dia solar.

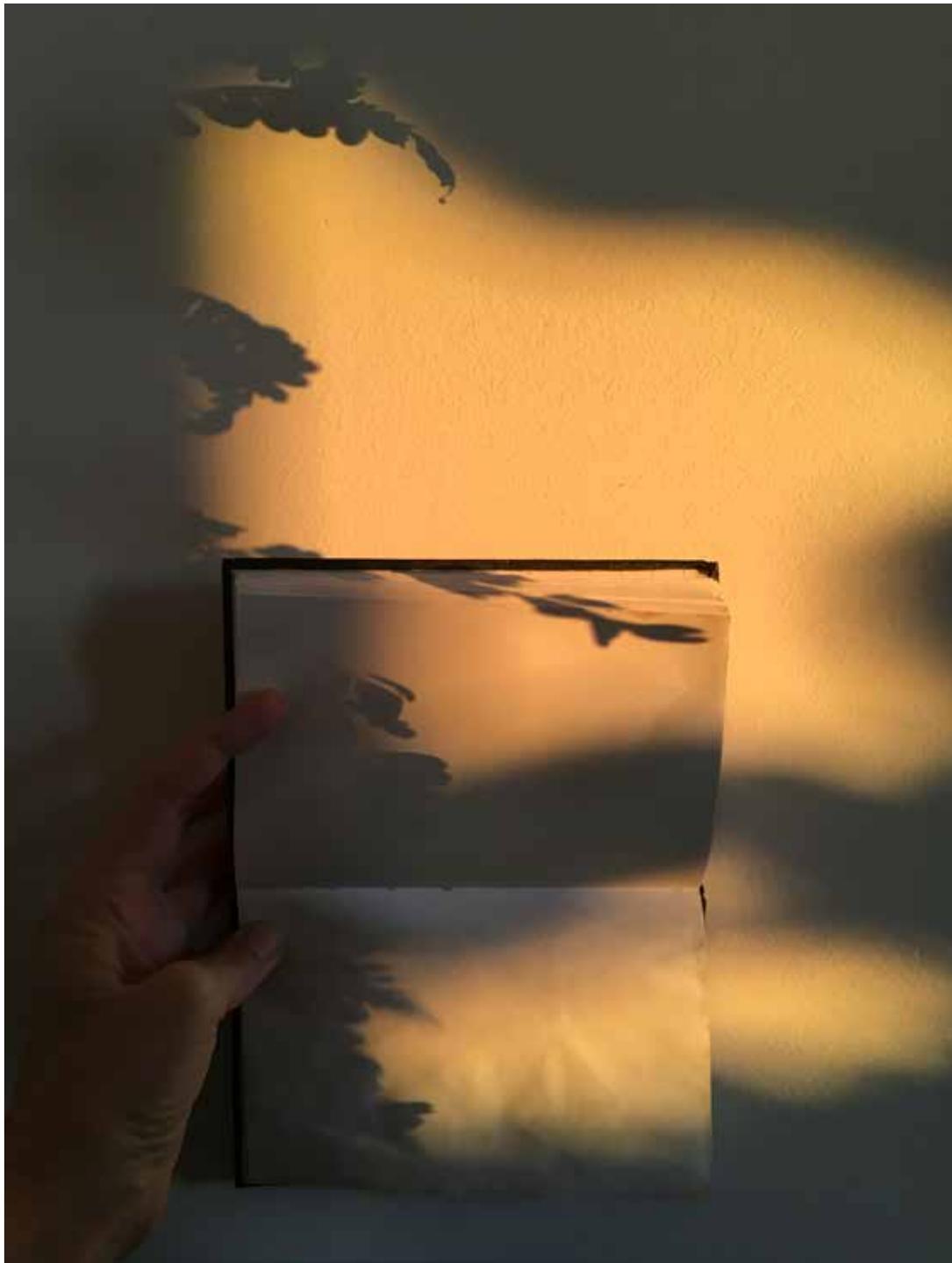
Imóvel em nosso sistema, o Sol é fluxo movente aos nossos olhos e em nosso céu. Nunca nasce ou se põe no mesmo lugar. Pode até repetir o, aparentemente, movimento leste-oeste, mas isto apenas aos olhos desatentos à sua geografia. Quando desponta no horizonte, rapidamente desenha na parede da sala. As inscrições do Sol na Terra são singulares e mutáveis. As formas e cores são resultado da participação de corpos e fluxos que se põem entre eles. O tempo movente do sol é o próprio deslocamento espacial da Terra, uma relação de contato distante que a tudo move.

Entre o verão e o inverno, a alvorada rompe o horizonte mais para a esquerda ou mais para a direita, mais cedo ou mais tarde. No outono e no inverno, a paleta de cores vermelho, rosa, laranja ganha destaque e dura mais tempo, antes de dissipar. Nessas estações, a luz também é mais caseira e preguiçosa, entra e fica em casa. Bem diferente da luz de verão que, com o sol altivo no céu, aparece de passagem no beiral da janela. Na minha casa, no verão, o sol desperta escondido atrás do prédio vizinho. Chega forte já tardio e nada desenha nas paredes da casa. De certo, nos chama para fora.

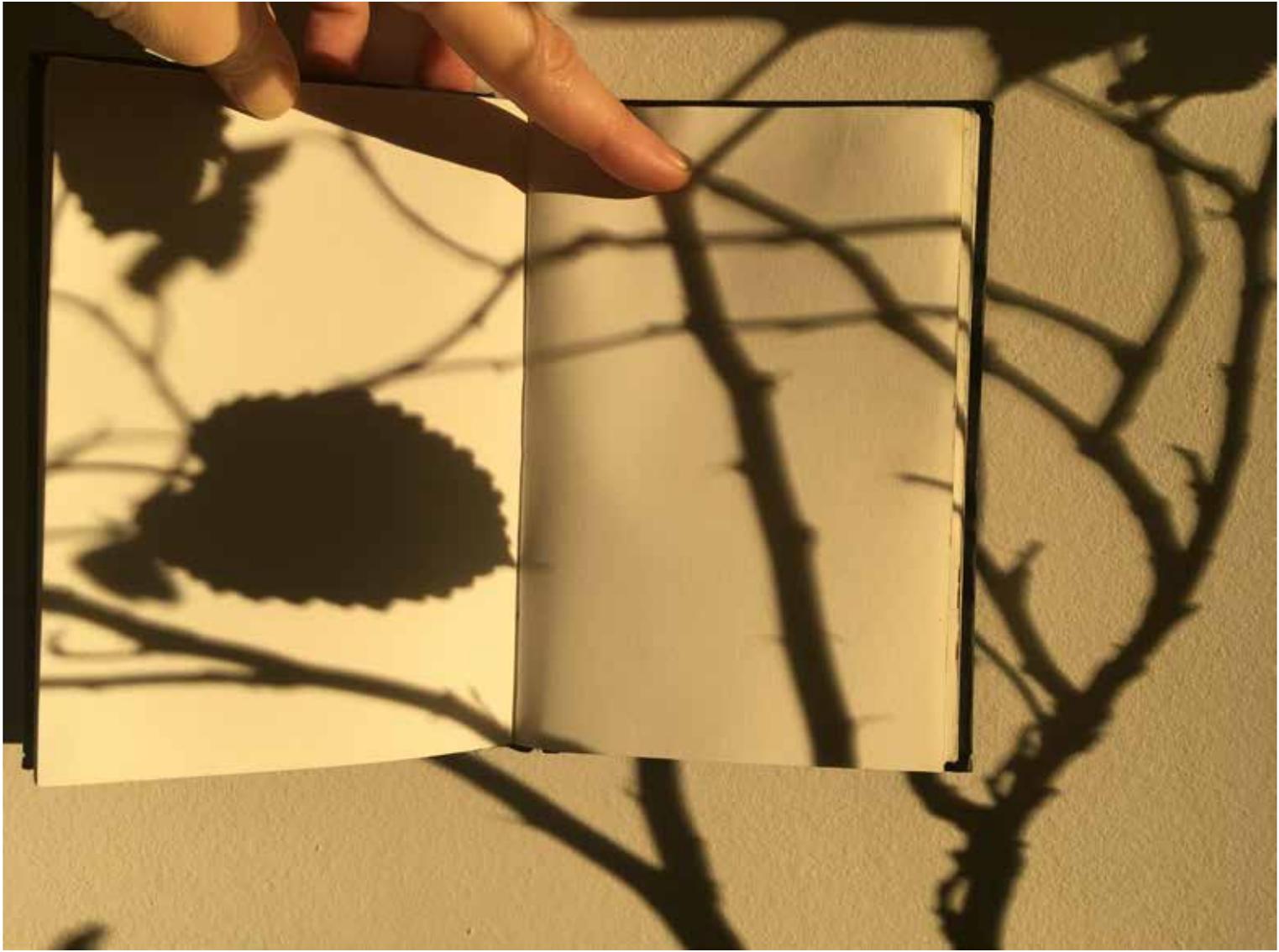
Perceber que não posso colher desenhos nas paredes da minha casa o ano inteiro trouxe com clareza o movimento de translação terrestre, que confere diferentes melodias e tonalidades às experiências. A natureza muda com a energia solar e novas paisagens são construídas. Bonitezas emergem como efemeridades, compondo fisionomias em movimento, no tempo da rotação.

O Sol é foto em movimento, mesmo parado no sistema. É energia que tudo move e que desenha no ausente a luz presente em outro corpo. A sombra tem sua essência na presença do ausente. A luz que cria a sombra, não incide na sombra criada.



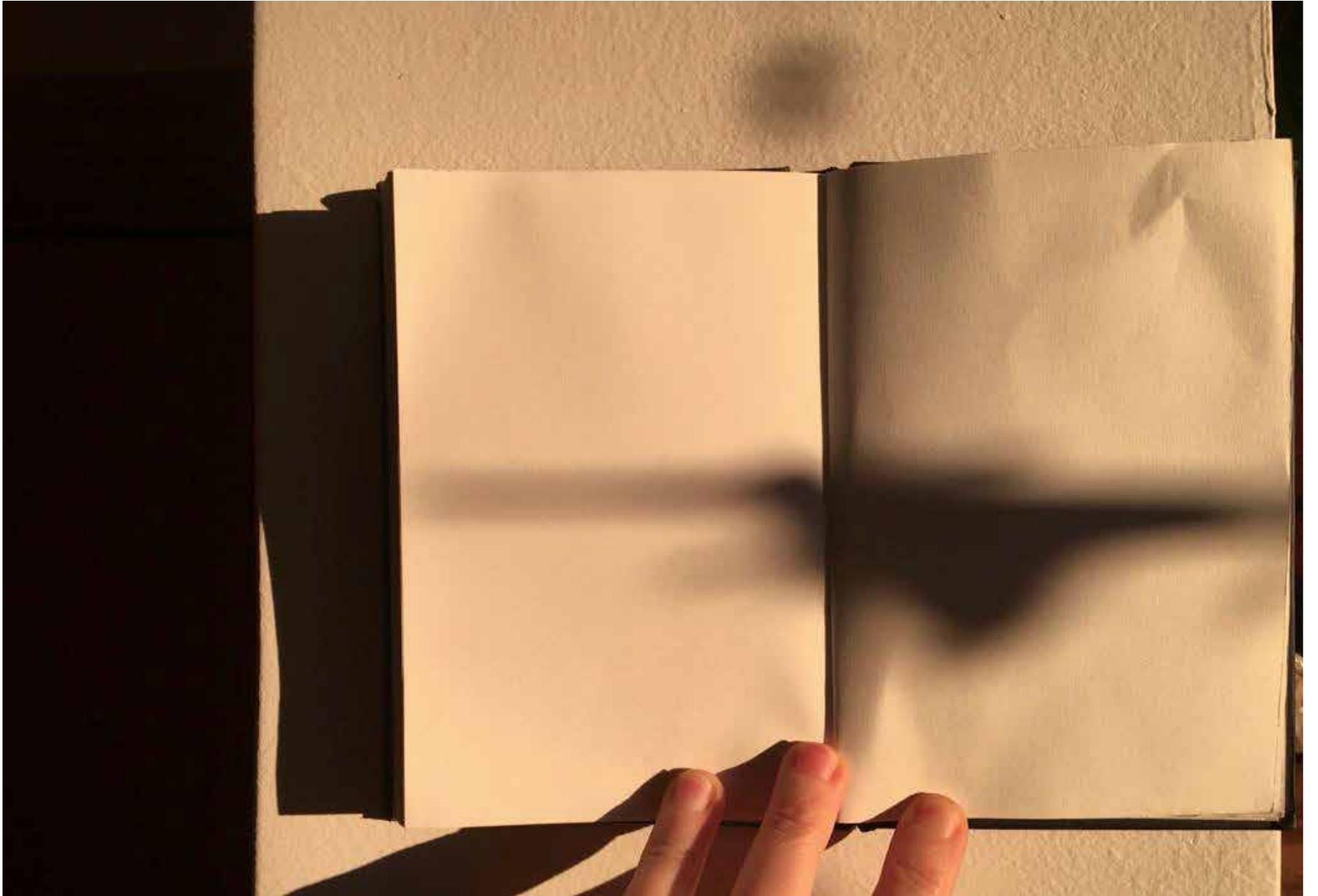


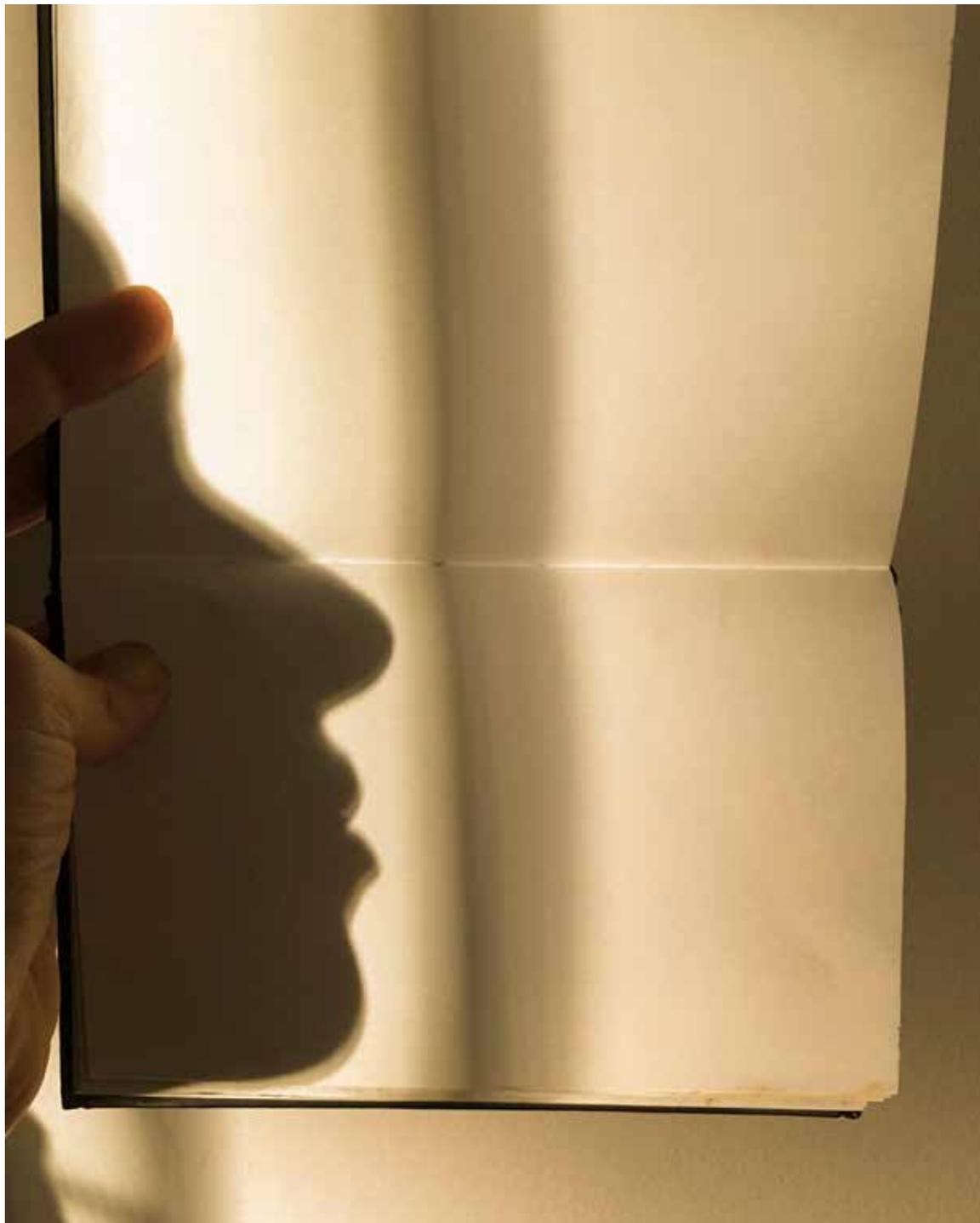








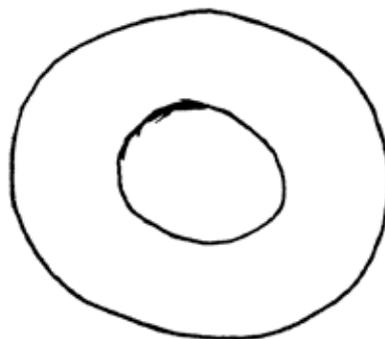




SÉRIE DE VÍDEOS

"movimento 1 grau"

“Perceber e agir no mundo-tempo é alinhar a sua própria conduta aos movimentos celestes do sol, da lua e das estrelas, às alternâncias rítmicas da noite e do dia e das estações do ano, à chuva e ao dia aberto, à luz do sol e à luz da sombra. Pois o tempo engole a paisagem, assim como a visão das coisas é engolida pela experiência da luz, a audição das coisas pela experiência do som, e o tato das coisas pela experiência do sentir” (INGOLD, 2015: 201)



O projeto “movimento 1 grau” é um convite à pausa no compasso do movimento de 1 grau da rotação terrestre.

A curiosidade de perceber a transformação da paisagem, atenta à rotação terrestre, foi o ponto de partida para a criação do enunciado "*capturar as fisionomias do tempo corrente*", durante 1 grau de rotação. A alvorada foi o espaço-tempo mais explorado nas tomadas fixas da paisagem, algumas cotidianas e outras transitadas. O tempo de 4 minutos foi estabelecido com a ajuda dos saberes científicos, que nos conta que a Terra realiza um movimento de 360° em, aproximadamente, 24h.

As paisagens que trago nos vídeos, todas atravessadas por fluxos que transformam a paisagem no tempo da Terra, são experiências geopoéticas singulares que vivenciei no meu cotidiano. Os vídeos são registros que me permitem contar e convidar mais pessoas à experienciarem, de forma consciente e sensível, o movimento de rotação da Terra.

Gosto de vivenciar as mudanças na paisagem e estar atenta aos fluxos, corpos e seres que atravessam o tempo de 4 minutos da alvorada, ou do crepúsculo, outro espaço-tempo que também me agarra. Nas horas em que o sol está mais baixo, as mudanças são mais evidentes e são intensamente reverberadas pelos pássaros, pelas nuvens, pelas folhas. Quando a experiência da alvorada ou do crepúsculo termina, eu costumo lembrar de um trecho da música “o mundo é assim”, da Velha Guarda da Portela:

“a noite é o dia que dorme
e o dia é a noite ao despertar.

O dia se renova todo dia”.



paralelo 16°35'10"S

https://youtu.be/IJJ6dNRx_6U



paralelo 23°31'30"S

<https://www.youtube.com/watch?v=020y-0WSuSFo>



paralelo 22°00'46"S

<https://www.youtube.com/watch?v=DC-dCsXIIwg0>



paralelo 22°59'33"S

<https://www.youtube.com/watch?v=H-fR9oy4X3pU>



paralelo 22°59'34"S

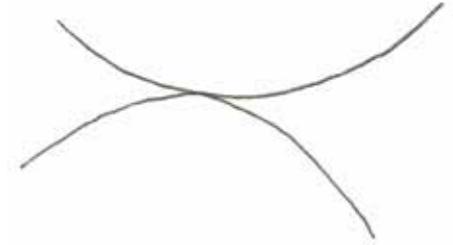
<https://www.youtube.com/watch?v=jI-U9PQf53Fk>



paralelo 22°59'32"S

<https://youtu.be/IJ3uy-hZ96w>

DIÁLOGOS FINAIS



Todo este percurso vivido me fez perceber que minha percepção fica curiosa no *amiudar do dia*¹. Me ponho no mundo como quem quer captar o que se passa quando a maior parte dos humanos dorme. A observação e o exercício constante de produção de imagens, criadas pelas composições da luz, com a sombra, as plantas, fluxos e superfícies, foi o método com o qual pude experimentar a relação corpo-Terra e construir conhecimento pela observação das fisionomias do tempo corrente.

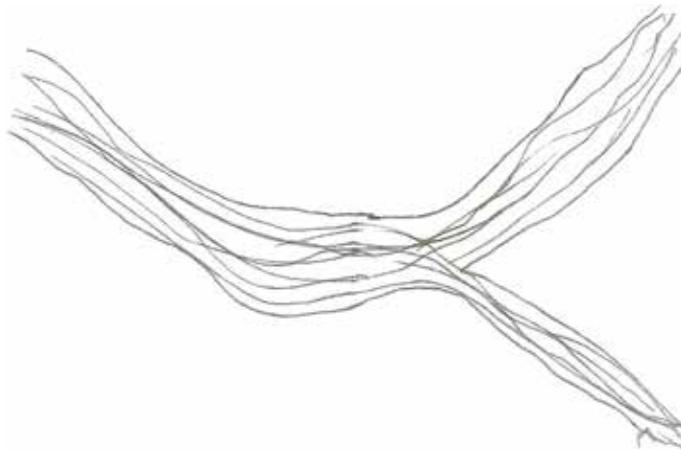
Nas experiências poéticas e nos afetos derivados, senti que praticava uma espécie de geografia pré-científica, mas foi só no processo de construção do relato escrito, que reconheci o diálogo com uma tradição de geógrafos humanísticos e que buscam resgatar estes saberes pré-científica, que têm a experiência como escala da compreensão dos fenômenos. Nesta perspectiva, podemos aproximar os processos criativos que partem de experiências cotidianas, destas duas geografias.

As experiências geográficas e poéticas estão entrelaçadas no meu processo criativo. Os enunciados e atravessamentos recorrentes que alimentam as criações poéticas, carregam saberes-fazeres construídos pela observação e memorização das *fisionomias do tempo corrente*. Descobri, durante a pesquisa, que esta prática de observação e memorização está também presente na construção dos saberes-fazeres dos jovens Inuítes, esquimós do Ártico, que realizam caminhadas com os Inuítes mais velhos para se tornarem bons caminhantes. É com esta aproximação e com uma citação, que ilustra o sentido poético do próprio habitar a terra. que encerro o meu relato de caminhante.

1 Parafraçando o compositos baiano Roque Ferreira.

Os itinerários são memorizados graças à observação contínua dos traços da topografia próxima e longínqua, à memorização da cor da vegetação e das nuances da cobertura nevada e glacial no inverno, às marcas da incidência do vento sobre as placas de neve, etc. nenhuma toponímia é necessária para conter essas notações. O que conta é reter as sequências do meio e o tempo utilizado na travessia de cada uma delas. Tais saberes-fazer se transmitem mais pela imitação do que pela palavra. Os jovens inuítes os adquiriam participando, desde cedo, dos deslocamentos de seus pais. Eles observavam os detalhes significativos que estes lhes mostravam e a maneira como mudavam de acordo com a hora e a inclinação dos raios de sol. Eles descobriam como fica a percepção do mundo quando a tempestade se eleva e as picadas do vento sobre o rosto tornam-se dolorosas. É pelas suas pernas, que se tornam pesadas, que eles têm a medida da progressão das horas. [...]

Os reflexos e os conhecimentos necessários à orientação eram registrados no corpo e na memória visual daqueles que haviam assim bravamente feito o aprendizado da viagem”. (CLAVAL, 2014: 26)



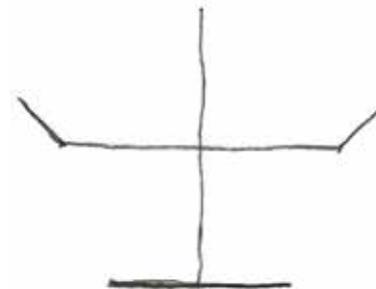
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste relato ocorreu em meio a pandemia do novo Coronavírus e da adoção das medidas de isolamento social.

Nesta conjuntura de apresentação virtual dos trabalhos finais, é importante mencionar que tanto os vídeos da série “movimento 1 grau”, quanto as fotos do trabalho “caderno de desenho”, apresentados neste relato como criações poéticas finalizadas, foram inicialmente pensados para serem exibidos em um espaço expositivo.

Com a impossibilidade de dar o encaminhamento inicialmente projetado às narrativas, acredito que a resolução formal das produções estão inconclusas. Algumas perguntas ainda ecoam nesta pesquisa: Os vídeos funcionarão melhor em pequenas telas, em câmeras escuras ou em grandes projeções no espaço público? As fotos do ensaio fotográfico "caderno de desenho" cabem em uma exposição? E em uma pequena publicação?

Estas são algumas inquietações que só poderão ser desdobradas quando eu tiver a possibilidade de testar as possibilidades de projeção dos vídeos, de imprimir as imagens e experimentar colocá-los em um espaço expositivo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

CLAVAL, P. Epistemologia da Geografia. Florianópolis: Editora da Ufsc, 2014.

COCCIA, E. A vida das plantas: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

FLUSSER, V. Natural:mente: vários acessos ao significado de natureza. São Paulo: Annablume, 2011.

INGOLD, T. Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

Trabalhos acadêmicos e artigos científicos:

DE PAULA, F. C. Sobre geopoéticas e a condição Corpo-Terra. Geograficidade | v.5, Número Especial, Primavera 2015m Retirado de <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12928/pdf> Acesso em 6/07/2020

LIMA, J. S. Dardel Levinasiano?: o sentido hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar. Geograficidade | v.8, Número 2, Inverno 2018. Retirado de <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/13141/pdf> Acesso em 10/08/2020

MARANDORA, E, J. Natureza e Sociedade: em busca de uma natureza romântica. Texto-base para a Aula Inaugural do Curso de Geografia da Universidade Federal de Alfenas, proferida no dia 09 de Março de 2015. Retirado de <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12820> Acesso em 2/09/2020.

SILVA, Tomás Reich da. Geograficidade, percepção e saberes tradicionais dos pescadores do Rio Guaíba, Porto Alegre, RS. Retirado de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17596/000710905.pdf?sequence=1> Acesso em 3/09/2020

TUAN, Yi-Fi. Lugar: uma perspectiva experiencial. Geograficidade | v.8, Número 1, Verão 2018 Retirado de <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150/pdf> Acesso em 8/07/2020

WRIGH, J. K. Terrae Incognitae: o lugar da imaginação na geografia. Geograficidades, v. 4, n.2, p.7. Inverno 2014. Retirado de: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12896/pdf> Acesso em 6/07/2020

Vídeos:

Série de entrevistas produzidos pelo Canal Descomplicando, da UFVJM. Entre eles há dois importantes para este relato:

1. Geograficidade e essências geográficas: <https://www.youtube.com/watch?v=6JDLCeTgB9U>; e
2. Geografia Humanista: https://www.youtube.com/watch?v=s_VgdIjSrYE&list=PL7TBIIAtvNgZTOAKO9fOhSpu3eoDL3_LA&index=3&t=0s

